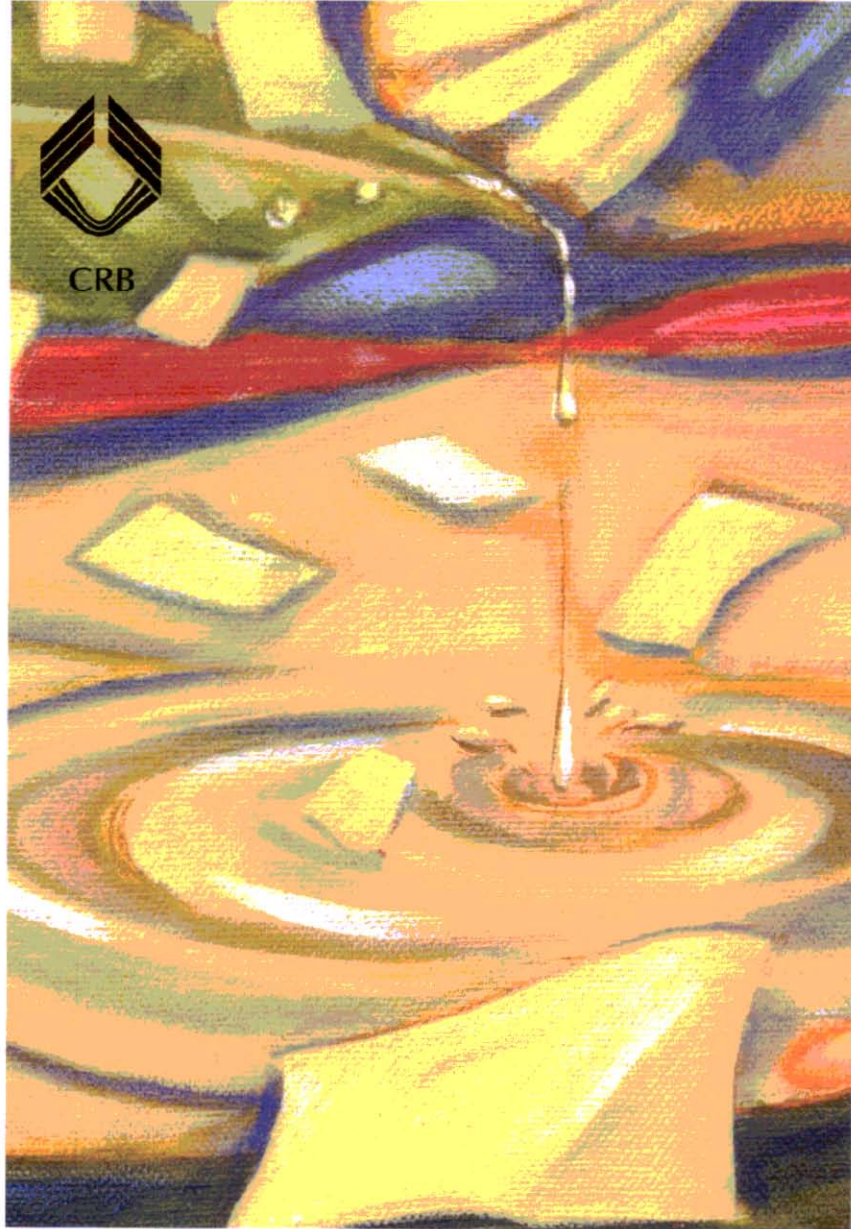




CRB



JULHO/AGOSTO 2009 • XLIV • n° 423

CONVERGÊNCIA

- A refundação dos religiosos: uma exigência do Espírito!
- Marcas geracionais. Impasses e dilemas religiosos
- Dom Helder e a Vida Religiosa

Sumário

Editorial

Rompendo as sombras na trajetória da vida 433

Palavra do Papa

Homilia do Papa Bento XVI por ocasião da abertura do Ano Sacerdotal 436

Palavra da VR

Carta da Vida Religiosa do Brasil presente no I Seminário da Vida Religiosa
Inserida e Solidária..... 442

Informes

Uma reflexão sobre o Fórum Social Mundial e a nossa Vida Religiosa
– JOÃO MARIA VAN DOREN..... 444

Artigos

A refundação dos religiosos: uma exigência do Espírito! – JALDEMIR VITÓRIO..... 447

Marcas geracionais. Impasses e dilemas religiosos – BRENDA CARRANZA 479

Dom Helder e a Vida Religiosa – JOSÉ COMBLIN..... 501

Esta revista segue a nova ortografia da Língua Portuguesa.

A ilustração da capa, de irmão Anderson S. Pereira, ms, mostra um pingo d'água que brota da folha da esperança, como orvalho sobre o deserto, e gera ondas. Uma faixa vermelha atravessa o desenho, simbolizando o projeto do Reino que, como sangue, sustenta a vida, e é presença do Espírito Criador e Salvador que impulsiona e sustenta a caminhada da vida religiosa.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATORA RESPONSÁVEL

Ir. Maria Juçara dos Santos, fdz
MTb 8105

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora:

Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp

Conselho editorial:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst

Ir. Maria Freire, icm

Pe. Cleto Caliman, sdb

Pe. Jaldemir Vitório, sj

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 – Brasília – DF

Tels.: (61) 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2009: Brasil: R\$ 84,00
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40

Rompendo as sombras na trajetória da vida

433

EDITORIAL

*"Eu sou a luz do mundo.
Quem me segue não caminha nas trevas,
mas terá a luz da vida."
(Jo 8,12)*

As profundas transformações que aceleram o processo de instabilidade no momento atual da história da humanidade dificultam e desafiam nossa capacidade de perceber o que emana da luz verdadeira anunciada por Cristo e o que é treva camuflada.

Não raro nos deparamos, no cotidiano de nossa vivência comunitária e congregacional, defendendo argumentos voltados especificamente para nossos grupos, independentemente de eles somarem valores nos âmbitos eclesial e social. Desse modo, corremos o risco de limitar o espaço a ser iluminado, que por sua vez reduzirá as manifestações de vida.

A edição atual de *Convergência* nos interpela, por uma série de questionamentos e reflexões, a rever conceitos e práticas até então ignoradas ou descartadas, mas que podem ser decisivas nas dinâmicas de atuação de nossos carismas e missões.

A "Carta da Vida Religiosa do Brasil no Seminário Nacional da Vida Religiosa Inserida e Solidária" soa como um hino de ação de graças e comunhão entre todas as comunidades que se fizeram presentes em Carpina, Pernambuco, de 18 a 20 de abril passado. Esse momento histórico para a Vida Religiosa inserida em meios populares e em missões de fronteira não ficará isolado. Brevemente estaremos publicando os conteúdos lá abordados, quer por parte dos assessores e assessoras, quer por parte das experiências narradas pelos grupos participantes. Será uma alternativa para irradiarmos luz nos espaços de presença solidária em que atuamos.

Abrindo as páginas dos Informes, mais uma vez trazemos a memória dos fóruns realizados em Belém, Pará, em janeiro passado. O foco principal agora é o “Fórum Mundial de Teologia e Libertação”, que trouxe a grande novidade de pensar a teologia a partir da conscientização de defesa da vida de nosso planeta, obra-prima de Deus, confiada aos nossos cuidados, mas seriamente dizimada por nossa ganância e arrogância. Padre João Maria van Doren, osc, coloca em poucas linhas algumas das principais reflexões e intervenções que marcaram tão importante evento.

A exemplo do que acontece nas sociedades conscientes de seus compromissos de defender a vida, a VRC também busca, em ações alternativas, fora dos esquemas convencionais, vitalidade para não cair no engessamento, que faz definhar e perder a paixão pelo Reino. Padre Jaldemir Vitório, sj, no artigo que tem como título “A refundação dos religiosos: uma exigência do Espírito!”, nos alerta para uma série de fatores e elementos a que precisamos dar mais atenção para que a consagração que fizemos de nossas vidas não se transforme num perene estado de “mal-estar, desgostos e desilusões”. Segundo o autor, “o vírus da desumanidade” manifesta seus sintomas em nossas casas e ambientes de trabalho; aponta vários passos que precisamos dar para não perdermos o dinamismo que nos vem da prática de Jesus. Qual é a imagem de Deus que transmitimos em nosso falar e agir? Este é o termômetro que nos faz perceber a necessidade de uma “refundação dos religiosos”, começando por uma profunda refundação de nossa humanidade, depois de nossa fé cristã e, por fim, de nossa Vida Consagrada. Padre Vitório conclui falando da necessidade de projetos dinâmicos e atuais que atraiam os jovens na busca de ideais elevados.

É exatamente dessa necessidade que a Professora Brenda Carranza trata ao escrever sobre “Marcas geracionais. Impasses e dilemas religiosos”. As atuais gerações vivem uma busca constante de sentido para suas vidas. A juventude não tem um perfil único, uniforme, e precisa ser considerada a partir de seus contornos específicos. Algumas linhas são mais evidentes: filhos(as) e/ou vítimas da revolução tecno-

lógica, turboconsumidores herdeiros da cultura hodierna, distantes das preocupações institucionais e outras. As instituições religiosas que não levam em conta a complexidade das expressões pelas quais a juventude se manifesta podem “mergulhar numa crise sem precedentes”. Brenda nos lança vários questionamentos que, se tratados com seriedade, podem nos ajudar a encontrar caminhos para enfrentar os dilemas contemporâneos.

Depois de considerarmos todas essas questões, somos convidados a nos defrontar com um outro perfil de pessoa que, ainda que tenha vivido no século XX, faz balançar nossas metodologias de seguimento de Jesus: Dom Helder Câmara. Neste número de *Convergência* que chega a nossas comunidades exatamente no mês em que se completam dez anos de seu falecimento, neste ANO CENTENÁRIO DE SEU NASCIMENTO, Padre José Comblin nos traz a memória deste grande DOM da Igreja. O estilo de vida simples e livre que escolheu viver, ainda que bispo, é um aspecto que nos inquieta. Homem de personalidade exuberante, jamais se deixou abater pelos grandiosos desafios que o seu modo de seguir Jesus lhe atraiu.

Que os textos aqui expostos possam nos ajudar no processo contínuo que empreendemos de revitalizar nossa Vida Religiosa Consagrada, de modo a respondermos aos apelos de Jesus Cristo, manifestados em nossa realidade histórica. Muitos e muitas que nos precederam nos deixaram o exemplo de que o que não atrai é porque não ilumina. E nossa geração, até onde pretende prolongar sua luminosidade?

IRMÃ MARIA JUÇARA DOS SANTOS, FDZ

Homilia do Papa Bento XVI por ocasião da abertura do Ano Sacerdotal

Basílica Vaticana, sexta-feira, 19 de junho de 2009

Estimados irmãos e irmãs

Na antífona ao *Magnificat*, daqui a pouco entoaremos: “O Senhor nos recebeu no seu coração – *Suscepit nos Dominus in sinum et cor suum*”. No Antigo Testamento se fala 26 vezes do coração de Deus, considerado como o órgão da sua vontade: o homem é julgado em relação ao coração de Deus. Por causa da dor que o seu coração sente pelos pecados do mundo, Deus decide o dilúvio, mas depois se comove diante da debilidade humana e perdoa. Além disso, há um trecho veterotestamentário em que o tema do coração de Deus se encontra expresso de modo absolutamente claro: é no capítulo 11 do livro do profeta Oseias, onde os primeiros versículos descrevem a dimensão do amor com que o Senhor se dirigiu a Israel, na aurora da sua história: “Quando Israel ainda era menino, eu o amei, e do Egito chamei o meu filho” (v. 1).

Na verdade, à incansável predileção divina Israel responde com indiferença e até com ingratidão. “Quanto mais os chamava – o Senhor é obrigado a constatar – mais eles se afastavam de mim” (v. 2). Todavia, ele nunca abandona Israel nas mãos dos inimigos, pois “o meu coração – observa o Criador do universo – comove-se dentro de mim, comove-se a minha compaixão” (v. 8).

O coração de Deus se comove! Na hodierna solenidade do Sacratíssimo Coração de Jesus, a Igreja oferece à nossa contemplação este mistério, o mistério do coração de um Deus que se comove e derrama todo o seu amor sobre a humanidade. Um amor misterioso, que nos tex-

tos do Novo Testamento nos é revelado como paixão incomensurável pelo homem. Ele não se rende perante a ingratidão, nem sequer diante da rejeição do povo que ele escolheu para si; pelo contrário, com misericórdia infinita, envia ao mundo o seu Filho, o Unigênito, para que assuma sobre si o destino do amor aniquilado a fim de que, derrotando o poder do mal e da morte, possa restituir dignidade de filhos aos seres humanos, que o pecado tornou escravos.

Tudo isto a caro preço: o Filho Unigênito do Pai se imola na cruz: “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (cf. Jo 13,1). Símbolo de tal amor, que vai além da morte, é o seu lado traspassado por uma lança. A esse propósito, a testemunha ocular, o apóstolo João, afirma: “Um dos soldados perfurou-lhe o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água” (cf. Jo 19,34).

Amados irmãos e irmãs, obrigado porque, respondendo ao meu convite, viestes numerosos a esta celebração com que entramos no Ano Sacerdotal. Saúdo os Senhores Cardeais e os Bispos, de modo particular o Cardeal Prefeito e o Secretário da Congregação para o Clero, juntamente com os seus colaboradores, e o Bispo de Ars. Saúdo os sacerdotes e os seminaristas dos vários seminários e colégios de Roma; os religiosos, as religiosas e todos os fiéis. Dirijo uma saudação especial a Sua Beatitude Ignace Youssef Younan, Patriarca de Antioquia dos Sírios, vindo a Roma para se encontrar comigo e significar publicamente a “*ecclesiastica communio*”, que lhe concedi.

Diletos irmãos e irmãs, detenhamo-nos em conjunto para contemplar o Coração traspassado do Crucificado. Há pouco ouvimos mais uma vez, na breve leitura tirada da Carta de São Paulo aos Efésios, que “Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, estando nós mortos pelas nossas culpas, deu-nos a vida juntamente com Cristo... Com ele nos ressuscitou e nos fez sentar lá nos céus, em Cristo Jesus” (Ef 2,4-6).

No Coração de Jesus está expresso o núcleo essencial do Cristianismo, em Cristo foi-nos revelada e comunica-

da toda a novidade revolucionária do Evangelho: o Amor que nos salva e nos faz viver já na eternidade de Deus. O evangelista João escreve: “Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,6). Então, o seu Coração divino chama o nosso coração; convida-nos a sair de nós mesmos, a abandonar as nossas seguranças humanas para confiar nele e, seguindo o seu exemplo, a fazer de nós mesmos um dom de amor sem reservas.

Se é verdade que o convite de Jesus, a “permanecer no seu amor” (cf. Jo 15,9), é para cada batizado, na solenidade do Sacratíssimo Coração de Jesus, dia de santificação sacerdotal, tal convite ressoa com maior vigor para nós, sacerdotes, de modo particular nesta tarde, solene início do Ano Sacerdotal, por mim desejado por ocasião do sesquicentenário da morte do Santo Cura d’Ars. Vem-me imediatamente ao pensamento uma sua bonita e comovedora afirmação, citada no *Catecismo da Igreja Católica*: “O sacerdócio é o amor do Coração de Jesus” (n. 1589). Como não recordar com emoção que diretamente deste Coração brotou o dom do nosso ministério sacerdotal? Como esquecer que nós, presbíteros, fomos consagrados para servir, humilde e respeitavelmente, o sacerdócio comum dos fiéis? A nossa missão é indispensável para a Igreja e para o mundo, que requer plena fidelidade a Cristo e união incessante com ele; ou seja, exige que tendamos constantemente para a santidade, como fez São João Maria Vianney.

Queridos irmãos sacerdotes, na *Carta que vos dirigi para este Ano jubilar especial*, desejei salientar alguns aspectos que qualificam o nosso ministério, fazendo referência ao exemplo e ao ensinamento do Santo Cura d’Ars, modelo e protetor de todos os presbíteros, e em particular dos párocos. Que este meu escrito vos sirva de ajuda e de encorajamento para fazer deste Ano uma ocasião propícia para crescer na intimidade com Jesus, que conta conosco, seus ministros, para difundir e consolidar o seu Reino. E, por conseguinte, “a exemplo do Santo Cura d’Ars – assim concluí a minha *Car-*

ta – deixai-vos conquistar por Ele e também vós sereis, no mundo de hoje, mensageiros de esperança, de reconciliação e de paz”.

Deixar-se conquistar plenamente por Cristo! Esta foi a finalidade de toda a vida de São Paulo, a quem dirigimos a nossa atenção durante o Ano Paulino que já está próximo do seu encerramento; esta foi a meta de todo o ministério do Santo Cura d’Ars, que invocaremos durante o Ano Sacerdotal; este seja também o objetivo principal de cada um de nós. Para ser ministros a serviço do Evangelho, é certamente útil o estudo com uma formação pastoral atenta e permanente, mas é ainda mais necessária a “ciência do amor”, que só se aprende de “coração a coração” com Cristo. Com efeito, é ele que nos chama a partir o pão do seu amor, para perdoar os pecados e para guiar o rebanho em seu nome. Precisamente por isso nunca devemos nos afastar da nascente do Amor que é o seu Coração trespassado na cruz.

Só assim seremos capazes de cooperar eficazmente para o misterioso “desígnio do Pai”, que consiste em “fazer de Cristo o coração do mundo”! Desígnio que se realiza na história, na medida em que Cristo se torna o Coração dos corações humanos, começando a partir daqueles que são chamados a estar mais próximos dele, precisamente os sacerdotes. Chamam-nos a este compromisso constante as “promessas sacerdotais”, que pronunciamos no dia da nossa ordenação e que renovamos todos os anos na Quinta-Feira Santa, na Missa crismal. Até as nossas carências, os nossos limites e debilidades devem nos reconduzir ao Coração de Jesus.

Com efeito, é verdade que os pecadores, contemplando-o, devem aprender dele a necessária “dor dos pecados” que os reconduza ao Pai, isto vale ainda mais para os ministros sagrados. Como esquecer, a esse propósito, que nada faz sofrer tanto a Igreja, corpo de Cristo, como os pecados dos seus pastores, sobretudo daqueles que se transformam em “ladrões de ovelhas” (Jo 10,1ss), porque as desviam com as suas doutrinas particulares, ou porque as prendem com laços de

pecado e de morte? Estimados sacerdotes, também para nós é válido o apelo à conversão e ao recurso à Misericórdia Divina, e devemos igualmente dirigir com humildade uma súplica urgente e incessante ao Coração de Jesus, para que nos preserve do terrível risco de prejudicar aqueles que somos chamados a salvar.

Há pouco pude venerar, na Capela do Coro, a relíquia do Santo Cura d'Ars: o seu coração. Um coração inflamado de amor divino, que se comovia ao pensamento da dignidade do sacerdote e falava aos fiéis com expressões sensibilizadoras e sublimes, afirmando que “depois de Deus, o sacerdote é tudo! [...] Ele mesmo não se compreenderá bem a si mesmo, a não ser no céu” (cf. *Carta para o Ano sacerdotal*, pág. 2). Amados irmãos, cultivemos esta mesma comoção, quer para cumprir o nosso ministério com generosidade e dedicação, quer para conservar na alma um verdadeiro “temor de Deus”: o temor de poder privar de tanto bem, por nossa negligência ou culpa, as almas que nos são confiadas, ou de poder – Deus não queira! – prejudicá-las. A Igreja tem necessidade de sacerdotes santos; de ministros que ajudem os fiéis a experimentar o amor misericordioso do Senhor e sejam suas testemunhas convictas. Na adoração eucarística, que se seguirá à celebração das Vésperas, pediremos ao Senhor que inflame o coração de cada presbítero com a “caridade pastoral” capaz de assimilar o seu pessoal “eu” ao de Jesus Sacerdote, de maneira a poder imitá-lo na mais completa autodoação. Que nos obtenha esta graça a Virgem Maria, cujo Coração Imaculado contemplaremos amanhã com fé viva. Para Ela, o Santo Cura d'Ars nutria uma devoção filial, a tal ponto que em 1836, antecipando a proclamação do Dogma da Imaculada Conceição, já tinha consagrado a sua paróquia a Maria, “concebida sem pecado”. E conservou o hábito de renovar com frequência esta oferta da paróquia à Virgem Santa, ensinando aos fiéis que “era suficiente dirigir-se a Ela para ser atendidos”, pelo simples motivo que Ela “de-seja sobretudo ver-nos felizes”.

Que nos acompanhe a Virgem Santa, nossa Mãe, no Ano Sacerdotal que hoje inauguramos, a fim de que possamos ser guias sólidos e iluminados para os fiéis que o Senhor confia aos nossos cuidados pastorais. Amém!

Carta da Vida Religiosa do Brasil presente no I Seminário da Vida Religiosa Inserida e Solidária

Sob a inspiração da matriarca Anna Roy e do patriarca Dom Helder, a Vida Religiosa Inserida no Brasil esteve reunida em Carpina, Pernambuco, respigando a memória, celebrando o presente, sonhando profecia.

Iniciamos o encontro peneirando a vida através da partilha do nosso ser e agir nas vinte Regionais da CRB. Nossos olhos maravilhados contemplaram a força renovadora da *Ruah* que perpassa a VRI de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Nosso rosto foi sendo tecido a partir da diversidade de presenças, confirmando que o nosso lugar é a periferia e a fronteira.

Fomos tomando consciência de que a VRI traçou uma identidade própria de Vida Consagrada lá onde a vida é mais ameaçada. E mesmo assim fomos tocadas(os) pela pergunta: será que não está faltando sedução na Vida Religiosa? Sedução é atração para o Mistério, é deixar-se cativar e encantar-se. A VRI é uma vida seduzida e mística por natureza. Vida de sedução pelos pobres, presença do Reino de Deus.

Algumas janelas se abriram diante de nós no contexto de crise que nosso mundo está vivendo. Crise tem a ver com *espelho*. Necessário se faz olhar o passado para recuperar a água da Fonte. Caminhos se abrem diante de nós: *encruzilhada*. Ou vamos ao berço, ou vamos às fronteiras. Nada é tão fértil como o *deserto*. É aí que maturam as sementes, debaixo da terra. A semente cresce para baixo antes de crescer para cima. É do chão que as mudanças nascem. É no deserto que se cultiva a esperança.

Em comunhão com todos os povos indígenas pudemos rezar e dançar. Continuando com a ciranda de nossas reflexões e conversas, também nos perguntamos: qual a esperança da nossa mãe Terra? A Gaia é um ser vivo: nasceu, se formou, se cansa, descansa, adocece, envelhece e morre. A reflexão ecológica nos desafia a repensar o nosso paradigma da teologia da criação.

A releitura bíblica da vivência da tribo de Levi traz luz para nós. Levi significa aderir à missão de irradiar a presença libertadora de Javé. Levi não recebe terra porque sua herança é Javé. Levi está presente em todas as tribos como fermento.

A referência às primeiras comunidades eclesiais nos levou ao questionamento: onde está a vocação fundamental em nós como Igreja? VRI tem a ver com a Igreja doméstica das primeiras comunidades. Todas as vezes que volta aos pobres ela rejuvenesce, porque na inserção aprendemos a misturar a Palavra e a vida. Nós redescobrimos no rosto dos pobres o rosto divino. Junto com eles nós redescobrimos a comunidade, lugar da interação, da escuta e do diálogo, do cuidado e do toque feminino.

Muita VIDA foi celebrada do começo ao fim do nosso encontro. A Palavra, o pão e o vinho foram partidos e repartidos entre nós. Saímos movidas(os) pelo dinamismo da *utopia*, que é o “não lugar”. Esse é o melhor lugar para pensar o *novo lugar*: tráfico de seres humanos, trabalho escravo, biomas, políticas públicas, povos negros e indígenas, mundo urbano, economia solidária, movimentos camponeses, itinerância e intercongregacionalidade etc.

Partimos com a certeza de que continuamos num processo permanente de gestação da vida em comunhão com toda a criação, testemunhando que Deus está no meio de nós.

Carpina, Pentecostes da Vida Religiosa
Inserida e Solidária,
20 de abril de 2009

Uma reflexão sobre o Fórum Social Mundial e a nossa Vida Religiosa

JOÃO MARIA VAN DOREN, OSC*

Realizou-se em Belém, Pará, o Fórum Mundial de Teologia e Libertação, de 21 a 25 de janeiro, com a participação de aproximadamente novecentas pessoas, na maioria religiosos e religiosas, e o Fórum Social Mundial, de 25 a 27 de janeiro, com cerca de 96 mil participantes, provenientes de cinquenta ou mais países.

A maioria dos participantes representava as classes populares e muitos deles eram aqueles que lutam por uma sociedade melhor, como pobres, quilombolas, índios, marginalizados.

O tema do Fórum de Teologia foi “Terra, Água e Teologia” e o do Fórum Social Mundial nos alertou que “Um Outro Mundo é Possível”.

Os teólogos Leonardo Boff e Frei Betto e a senadora Marina Silva deixaram bem claro que o mundo atual, marcado pelo sistema globalizante do neoliberalismo, onde tudo está a serviço do comércio nas mãos dos que possuem o capital, está em crise. Gananciosos e insaciáveis exploram todas as forças da humanidade e até a própria natureza, a terra, a água e a Região Amazônica, com sua rica diversidade de árvores, minérios, e até animais, para se enriquecer cada vez mais, e de tal maneira, que estão destruindo o planeta Terra, o *habitat* de toda a humanidade.

Foi um banho conscientizador de que juntos temos forças para defender nosso planeta de tal forma que haja vida para todos. Está na hora de tomar posição contra aqueles que dominam e destroem o mundo para se enriquecer e não levam em consideração a vida de milhões que vivem escravizados,

* **Padre João Maria van Doren**, da Ordem da Santa Cruz, é holandês e trabalha no Brasil há 48 anos. Foi um dos iniciadores do movimento ecumênico na Amazônia paraense. É presidente da CRB Regional Belém por dois mandatos. Membro da Pastoral Carcerária durante vários anos, desenvolvendo um belíssimo trabalho na região metropolitana de Belém. **Endereço do autor:** Trav. Barão do Triunfo, 3162, Marcos, CEP 66093-050, Belém-PA.

Lemos no Evangelho de Marcos (1,15): “[...] o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede na Boa-Nova”. Sabemos que tal Reino se baseia no amor e na justiça.

Marcantes e enriquecedoras foram as palestras dos teólogos Leonardo Boff, Frei Betto e Padre Comblin, que nos apresentaram a responsabilidade das nossas Igrejas, que se desviaram da sua maneira de ser e agir, e não seguiram o caminho de Jesus, pobre no meio dos pobres.

O Fórum Social Mundial nos faz experimentar a fala de Deus por meio de milhares de pessoas de todos os países que no passado e nos dias de hoje estão sendo escravizados:

Para nós, religiosos(as), o Fórum Social Mundial nos apresenta uma oportunidade de conscientização e conversão. Marcou forte que o futuro das nossas Igrejas está na vida de muitos homens e mulheres que nos falam em nome de Deus, que nos criou e nos chama para vivenciar o Evangelho de Jesus.

Nele se perguntou se a Igreja e nós, religiosos(as), realmente lutamos pelo mundo que Deus quer ou se nos fechamos de tal maneira que nos adaptamos a um sistema globalizante neoliberalista que explora e causa tantas guerras motivadas pela ganância.

O Fórum Social Mundial é para todos nós uma oportunidade para refletir sobre a nossa Vida Religiosa Consagrada.

Perguntemo-nos:

- Que fazemos para nos sensibilizar pelo sofrimento dos nossos irmãos marginalizados e empobrecidos?
- Qual é a nossa maneira de pensar?
- Como estamos agindo para que se crie um outro mundo possível?

A refundação dos religiosos:¹ uma exigência do Espírito!

447

ARTIGOS

JALDEMIR VITÓRIO, SJ*

Introdução

O título poderá causar estranheza. Haverá quem pense tratar-se da ressuscitação de um cadáver sepultado. Muito se falou de refundação da Vida Religiosa sem que os efeitos fossem suficientemente percebidos.² O tema acabou sendo deixado de lado. Que elementos da VR foram refundados? Que mudanças aconteceram na configuração histórica da VR? Houve uma revivescência do carisma dos consagrados, numa linha de maior fidelidade e radicalidade no compromisso com o Reino? As comunidades religiosas passaram por um processo de conversão, tornando-se “oásis de humanidade”, onde o imperativo das relações fossem o bem-querer e a benevolência no trato mútuo? Ou, ao contrário, prevalece o individualismo e os conflitos permanecem intocáveis? Que imagem de religiosos transmitimos para quem convive conosco: de pessoas realizadas e felizes ou de pessoas tristes e amarguradas, sempre insatisfeitas e críticas? De pessoas cujas vidas estão enfocadas no querer de Deus ou, ao contrário, os polos de preocupação são aqueles da sociedade moderna: ter, consumir, gozar, preocupar-se consigo mesmo, com um mínimo de abertura para o outro, mormente o irmão sofredor?

Muita coisa aconteceu na VR, no Pós-Concílio Vaticano II e nos anos seguintes. E as mudanças são perceptíveis. Tudo quanto se falou e escreveu sobre a refundação da VR – e não foi pouco! – deveria ter o efeito positivo de gerar religiosos realizados e felizes, testemunhos do Absoluto de

***Padre Jaldemir Vitório, sj**, é professor de Sagrada Escritura na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, onde também desenvolve um projeto de pesquisa intitulado “Vida Religiosa: problemática atual e teologia”. **Endereço do autor:** Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127, Planalto, CEP 31720-300, Belo Horizonte-MG. Tel.: (31) 3115-7024. E-mail: jvitoriosj@faculdadejesuita.edu.br.

Deus em suas vidas e, por consequência, testemunhos de um amor entranhado pelo outro, por cuja face se é interpelado.

Entretanto, persistem sintomas de mal-estar entre os religiosos, até mesmo de desgosto e desilusão. Muitos religiosos se sentem desestimulados a propor esse projeto de vida aos jovens, como se não valesse a pena consagrar o melhor das forças a serviço dos irmãos desvalidos, característica da missão dos religiosos. Profetas de mau augúrio pontificam o exaurimento histórico da VR, com a previsibilidade de desaparecer totalmente, esquecendo-se que serão os empobrecidos e os marginalizados os principais atingidos por essa tragédia eclesial. Os tempos são outros. É verdade! Para alguns, os novos grupos de vida, oriundos dos movimentos eclesiais, de modo especial os de corte pentecostal, estão destinados a ocupar, na Igreja, o papel secularmente ocupado pela VR. Pode ser!

Pelo que se vê, em muitos deles não há como esperar a garra e o empenho no serviço aos empobrecidos, com os quais a VR se destacou, embrenhando-se nos sertões e nas regiões mais distantes e inóspitas, inserindo-se nos contextos urbanos e suburbanos, onde o serviço público e as infraestruturas de atendimento são precários, fazendo-se presente, com ousadia, em todo e qualquer lugar onde o Evangelho deve ser anunciado, das universidades e colégios ao mundo do trabalho, do mundo das comunicações aos espaços onde se discutem os grandes temas da humanidade, dos ambientes pastorais aos fóruns políticos e sociais, da solidariedade com os refugiados e tantos outros sofrendores ao mundo da pesquisa e da reflexão, das missões *ad gentes* ao anúncio do Evangelho nos incontáveis grupos de reflexão, da militância junto aos grupos de economia solidária e tantos grupos de defesa de Direitos Humanos à vida contemplativa, no silêncio e na oração. Presença multiforme e qualificada, com a marca do compromisso evangélico, vivido em comunidade, exercido com compaixão e gratuidade. Serviço da misericórdia, nos passos do Mestre Jesus! Seria insensato deixar desaparecer este

1. O texto está escrito no masculino, porém pensando na VR como um todo, na sua vertente masculina e feminina. Este expediente visa a evitar a multiplicação infinda de religiosos(as), o que sobrecarregaria o texto. Pedem-se, portanto, às religiosas que, desde o título, leiam-no fazendo a transposição para o feminino.

2. Trata-se, aqui, da VR apostólica. Pode ser que alguns tópicos interessem à VR contemplativa ou de outro tipo sem que tenham sido visadas diretamente.

carisma, pelo qual, na atuação de milhares de religiosos e religiosas, o mais das vezes escondidos e anônimos, o Reino age na história como “sal da terra”, “luz do mundo” e “fermento na massa”.

A deficiência fundamental do que se falou a respeito da refundação da VR consistiu em tratá-la como instituição, como se existisse à revelia das pessoas concretas. Uma espécie de entidade abstrata, um ente de razão, como se diria na filosofia clássica, sem projeção histórica. Tal VR não existe! Existe, única e exclusivamente, encarnada em cada religioso e religiosa, no seu compromisso sincero com o Reino. Pensando a VR como instituição, os doutos discursos sobre refundação pouco interpelavam os indivíduos concretos. Houve quem quisesse refundar Congregações e províncias, tratando-as como empresas. Porém, adianta alguma coisa contratar uma empresa especializada em consultoria para repensar a organização de determinada Congregação e suas obras, se os religiosos vivem às turras, uns querendo passar o pé nos outros, ávidos de poder? Vale a pena perder tempo com a reestruturação do governo geral ou provincial, para torná-lo “mais ágil e eficaz”, se os indivíduos estão pouco motivados para se entregar por inteiro à missão exigida pelo carisma congregacional?

É refundação deixar de lado a terminologia tradicional – por exemplo: “superior” – para chamá-lo de animador, coordenador, facilitador, explicitador ou coisa que o valha, quando o individualismo impera entre os religiosos e poucos estão dispostos a se dar as mãos e, como comunidade missionária, lançar-se na tarefa de escutar o que o Espírito lhes pede, confiando na coordenação de um dos coirmãos? Tem sentido deixar de lado os métodos tradicionais de oração da Congregação para, em nome da refundação, introduzir formas de oração mais aderentes ao “espírito do tempo” se irmãos e irmãs se servem dos momentos de oração para jogar indiretas, lamuriar-se, desfiar um rosário de reclamações, fazer-se presentes só por formalidade, pouca importância dando à oração comunitária? Pode-se falar de refundação?

Considerando a importância da VR para a Igreja, mormente no tocante ao serviço dos empobrecidos e marginalizados, como expressão histórica da experiência do Absoluto, vivido no âmbito de um carisma congregacional, e o beco sem saída em que se encontram inúmeras Congregações e comunidades, falaremos aqui de *refundação dos religiosos*, como exigência do Espírito, nesta quadra concreta da história da humanidade e da Igreja, quando a desumanidade cresce em ritmo galopante e a missão de servidores do Reino exige de cada religioso uma qualidade de vida comunitária, espiritual e apostólica muito aderente às exigências evangélicas e ao espírito do Mestre Jesus. A interpelação será dirigida, em primeiro lugar, aos indivíduos e não à instituição VR. Os leitores visados são religiosos insatisfeitos, porém que aspiram a uma VR diferente, como caminho de realização pessoal e comunitária, aderente às exigências do Evangelho e do Espírito, em diferentes contextos históricos e culturais. O objetivo deste texto será o de oferecer pistas para uma caminhada, tendo como pressuposto o alto significado socioeclesial da VR. Compete aos religiosos e às religiosas um papel profético na Igreja e no mundo. A exigência de encontrar as veredas da fidelidade e da autenticidade de vida é incontornável.

A reflexão girará em torno de três dimensões constitutivas da VR: a dimensão humana, a dimensão cristã e a dimensão congregacional, correspondente à consagração na VR. O conteúdo de cada tópico poderá servir de pontos para exame de consciência de quem, realmente, acredita no valor do carisma da VR e está disposto a se empenhar na configuração da nova figura histórica como exigência de nossos tempos.

1. A refundação de nossa humanidade

A VR supõe dos religiosos uma sólida base de humanidade. Entende-se humanidade como a capacidade de ser oblativo, de doar-se, de ser-para-os-outros, de romper a tirania do egoísmo e fazer do amor a pauta do agir. Do coração

das pessoas humanizadas brotam gestos de misericórdia, de compaixão e de solidariedade. A falta de humanidade é perceptível na insensibilidade em relação aos demais, sendo as primeiras vítimas os sofredores e quem depende da solidariedade alheia para sobreviver.

As comunidades religiosas têm como vocação ser “oásis de humanidade” num mundo onde a desumanidade assume contornos assustadores, na maldade e na crueldade requintadas, que só o coração humano pervertido pode produzir. A televisão, os jornais, as rádios, a internet, cada dia, bombardeiam-nos com notícias escabrosas de perversidades dos mais diferentes calibres, a ponto de nos tornar insensíveis e anestesiar nossa capacidade de indignação. É um sinal evidente de termos sido contaminados pelo vírus da desumanidade.

Evidentemente, os meios de comunicação falam também de gestos de humanidade. Por exemplo, por ocasião de grandes catástrofes naturais ou de situações emergenciais. Entretanto são fatos episódicos, tendentes a cair no esquecimento assim que a vida retoma o seu ritmo. O corriqueiro consiste em apresentar a face perversa da história (des)humana. Existem fatos tão escabrosos a ponto de se constituírem vergonha para a humanidade!

A VR está muito longe do ideal de humanidade que lhe cabe encarnar. Por picuinhas os irmãos fazem os outros sofrer. Há irmãos cujas relações estão cortadas há muito tempo. E sem peso na consciência se aproximam, diariamente, da mesa eucarística sem perceber a contradição entre comungar o corpo de Cristo e ter rompido a comunhão com o irmão. Há casos de irmãos que tramam ciladas contra os outros para desmoralizá-los e conspurcar-lhes a boa fama. E os que falam mal dos outros, a torto e a direito, sem se dar conta da incompatibilidade de seu gesto com o “pacto de irmãos”, sobre o qual se constitui uma comunidade religiosa! E os religiosos parasitários, mentirosos, preguiçosos, invejosos, críticos mordazes, reclamadores, hipocondríacos, dissimulados, viciados, exigentes, encrenqueiros, falsos, malevolentes, donos da verdade, intocáveis, juízes implacáveis

dos demais, torcedores pelo fracasso dos irmãos, preocupados em “tomar o poder”. A lista de religiosos com *deficit* de humanidade poderia ser muitíssimo alargada.

A VR não é feita de pessoas perfeitas. Seria equivocado pretendê-la assim! Cada religioso é desafiado, cada dia, a se converter e a colocar a vida nos trilhos da humanidade. Existe, porém, um limite tolerável de desumanidade, que não pode ser ultrapassado. Quando se ultrapassam os limites, urge fazer uma séria revisão de vida. Algo de muito grave está acontecendo. A VR está ameaçada! Muitas províncias e comunidades, para vergonha da VR, estão nesta situação. É premente o apelo do Espírito para que cada membro refunde sua humanidade.

A dificuldade em refundar a humanidade, por parte dos religiosos desumanizados, deve-se à falta de um patamar de humanidade adquirido nos primeiros anos de vida, no âmbito da família. Aí é onde se aprende o valor da solidariedade, do trabalho, do dizer a verdade, do respeito aos demais, do querer-se bem. Como convencer um adulto do valor da transparência se, desde cedo, foi estimulado a ser hipócrita? Como lhe cultivar no coração o valor do trabalho se, quando na formação da personalidade, ninguém lhe contestou a preguiça? Como lhe inculcar o valor da benevolência se sempre tendeu a pensar mal dos outros e a colocá-los sob suspeita? A desestruturação familiar pode resultar em desumanização. Um reflexo seria a desestruturação afetivo-sexual. Há quem busque na VR compensação afetiva ou superação de traumas nessa área. Se as ajudas recebidas são ineficazes e o indivíduo permanece na VR, será uma presença humanamente pesada.

Muitas Congregações receberam indivíduos carentes de uma base mínima de humanidade sem se dar conta do equívoco. Uma vez professos e depois de longos anos de vida na Congregação, devem ser suportados, com caridade. Todavia, no âmbito da pastoral vocacional e no acompanhamento dos formandos, nas etapas iniciais, é possível estar atentos para não deixar ir adiante religiosos cuja base humana é precária e, mesmo lançando mão do recurso da psicoterapia

e da direção espiritual, não dão esperança de que algo possa mudar. Sem humanidade é impossível uma VR autêntica. Será um arremedo de VR.

Examinemos alguns passos a ser dados no processo de re-fundação da humanidade dos religiosos.

O *primeiro* consistirá em fazer um atento exame de consciência diante de Deus, em nível congregacional, provincial ou comunitário, além do individual, inquirindo-se pela vivência do amor oblativo nas relações interpessoais. Pode-se perguntar por coisas elementares: como nos tratamos mutuamente? Existe entre nós um verdadeiro bem-querer? Sou respeitoso e fraterno no trato com os demais? Sinto-me feliz quando posso fazer algum gesto de bondade para meu irmão? Ou, então, por coisas mais exigentes: quando um irmão precisa de mim, estou disposto a me sacrificar por ele? Sou capaz de gestos consistentes de solidariedade, espontaneamente realizados, mas que me custem muito e onde devo superar todo ranço de egoísmo?

O *segundo* terá por objetivo fazer uma espécie de mapeamento, elencando os pontos fortes e os pontos fracos do *humanum* de cada um e do grupo. Pelos pontos fortes dar-se-á graças a Deus e se fará o esforço, com a ajuda do Espírito Santo, para consolidá-los sempre mais, conscientes de que da vivência deles depende nossa fidelidade ao carisma da consagração na VR.

E com os pontos fracos, que fazer? Um primeiro expediente consistirá em perceber o grau de contaminação dos indivíduos e do conjunto dos membros da Congregação, da província ou da comunidade. Se estiver dentro de níveis toleráveis, no contexto de uma comunidade humana, mesmo em se tratando de uma comunidade religiosa, será preciso estar atentos para que a desumanidade fique sob controle e se evitem as “metástases”, sempre perigosas.

Se a situação é grave e a desumanidade grassa entre os coirmãos, superando os níveis toleráveis e pondo em risco a sobrevivência do grupo, será preciso verificar sob que aspectos concretos se manifesta e tentar detectar-lhe as causas,

que podem ser pessoais ou conjunturais. A Congregação recebeu grande número de pessoas desumanizadas e desumanizadoras e agora está sofrendo as consequências da falta de critério ao acolher novos membros. Pode ser também que, neste momento (nesta conjuntura), a província ou a comunidade esteja sendo liderada por indivíduos desprovidos de caridade, que tratam os demais como se fossem empregados ou pedras num tabuleiro de xadrez.

As pessoas cuja desumanidade desestrutura a comunidade de irmãos haverão de se deixar questionar e aceitar submeter-se a um processo psicoterapêutico ou espiritual que as ajude a superar as limitações da história pessoal e, libertadas, a viver o ideal de VR de maneira realizadora e feliz. O problema está em quem se recusa a ser ajudado e se fecha a qualquer tipo de questionamento. Aqui os superiores maiores devem ser bem firmes e claros, fazendo-o tomar consciência da incompatibilidade de seu modo de proceder com o projeto congregacional. Em situações extremas, será o caso de propor-lhe a saída da VR e a escolha de outro projeto de vida. Tal proposta poderá ser feita até mesmo a religiosos veteranos, com certo tempo de caminhada. Nada justifica a permanência na VR se o indivíduo está fechado aos apelos de humanização. Quanto mais os superiores forem complacentes com os religiosos desumanizados e desumanizadores, mais prejudicarão as comunidades. Na eventualidade de continuarem na VR, será preciso cuidar para que os danos causados sejam os menores possível. O problema é que os superiores tendem a temporizar e, quanto mais o tempo passa, mais difícil se tornará o questionamento e uma eventual proposta de saída da VR.

Se a desumanização parte dos superiores maiores ou locais, por serem tiranos ou arbitrários, caberá aos membros da província ou da comunidade tomar as providências. A começar por questioná-los e fazê-los ver o mal causado por seu modo de proceder. Muitos dirão que “agem em consciência” ou que “são movidos pelo desejo de ajudar”. Nada disso adianta, se os frutos visíveis são o descontentamento das comunidades, a perda do zelo apostólico, o clima de

disse que disse em torno do superior, cuja liderança fica abalada. Se o indivíduo não se deixar convencer, existe o recurso às instâncias superiores. Se nada disso puser fim à situação, caberá aos religiosos, numa próxima vez em que tiverem nas mãos a possibilidade de escolher um novo superior maior, lembrar-se de escolher alguém marcadamente humano e que dê esperanças de gerar um clima de humanidade entre os coirmãos. Esse critério é imprescindível em se tratando de liderança na VR. Superiores humanos têm mais chance de criar províncias e comunidades humanizadas. Se contarem com coirmãos preocupados com a questão da humanização, a tarefa de governar será facilitada. Se não, convença-se da tarefa que lhe cabe de elevar o nível de humanidade no âmbito de sua competência.

Um *passo suplementar* consistiria em escutar as pessoas com quem trabalhamos e sondar a imagem que, como indivíduos ou como grupos, transmitimos. Que pontos de nossa humanidade chamam-lhes mais a atenção? Que pontos percebem como problemáticos? Não se enganem os religiosos. As pessoas sabem confrontar o que dizem, ensinam e pregam com o seu modo de viver. E se dão conta quando há descompasso entre a pregação sobre a caridade e o modo como tratam um irmão idoso da comunidade. Ou, então, a insistência no tema da justiça e o peso que o indivíduo é para quem deve conviver com ele. Ou o sorriso escancarado para as pessoas de fora e a cara fechada para os irmãos de comunidade. A escuta sincera de nossos colaboradores e das pessoas com quem colaboramos poderá nos trazer muitas surpresas, positivas e negativas. Positivas, pois chamarão a atenção para pontos de nosso trato humano que passavam despercebidos para nós e, para eles, são importantes. Negativas, pois focalizarão pontos de nosso comportamento que são incompatíveis com nossa opção e nós nem nos dávamos conta. A grande surpresa será verificar que sabem de nossa vida para além do imaginado, e comparam nossa palavra com nossa ação, sob o prisma da humanidade.

Esse processo de escuta, feito com sinceridade e honestidade, deverá ser tomado como alerta do Espírito em vista

da humanização da VR. Seria um equívoco engavetá-lo ou lhe dar pouca importância.

A refundação do *humanum* na VR acontece quando indivíduos, comunidades, províncias e Congregações esforçam-se por ser oblativos, na vivência diária das relações interpessoais. Pelo amor ágape começa a refundação dos religiosos e, por consequência, da VR.

2. A refundação da nossa fé cristã

A vocação cristã se constrói a partir do substrato humano de cada cristão. Quanto mais humanidade houver, mais possibilidade de o evento Cristo acontecer na vida das pessoas. Quanto mais desumanidade, mais as chances serão mínimas. A fé cristã se funda na disposição de ser oblativo, misericordioso e solidário, nos moldes de Jesus. Optar por Jesus e seu projeto, em última análise, consiste em escolher ser humano como ele, trilhando “com Cristo, por Cristo e em Cristo” o caminho da humanidade.

Ao longo dos séculos, por motivos históricos e eclesiais, que não cabe aqui explicitar, houve uma contínua deterioração da fé cristã. A institucionalização do fato cristão, pelas chamadas Igrejas cristãs, teve o efeito de desviar o foco da atenção dos batizados das exigências evangélicas para as normas eclesiásticas. Da preocupação fundamental de mostrar-se como cristão, por um modo de proceder sintonizado com o projeto de Jesus, deu-se prioridade à defesa da identidade institucional. As lutas fratricidas entre as instituições eclesiásticas cristãs, com as muitas e irrecuráveis rupturas, tiveram um efeito desastroso para a fé cristã na história. É vergonhoso ver cristãos divididos por questiúnculas eclesiásticas, quando Jesus pediu, encarecidamente, “que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,21). Cada Igreja “cristã” procurou incutir nos membros a marca de doutrinas, ritos e tradições sem se perguntar pela aderência ou não ao Evangelho. Hoje, com a multiplicação de Igrejas,

no bojo de um Pentecostalismo agressivo, as divisões entraram de cheio no coração das famílias.

No âmbito da tradição católica, o fato cristão tem sido superficialmente assimilado. A evangelização teve como pauta os catecismos, onde a doutrina era exposta em forma de perguntas e respostas teóricas, na contramão da vivacidade dos Evangelhos. Um catequizando, com 6 ou 7 anos, já na primeira “aula” era confrontado com uma pergunta-resposta a ser decorada: “Quem é Deus? Deus é um espírito perfeitíssimo e eterno, criador do céu e da terra!”. Seria possível gerar no coração infantil verdadeira adesão e amor por um “espírito perfeitíssimo e eterno”? O Pai, presente na pregação de Jesus, não entrava em consideração. Daí a imagem de um Deus juiz, castigador implacável, atento ao menor pecado, para dar-lhe a devida punição, que está na cabeça de muitos católicos e que foi renegada por quem passou a se declarar ateu. Aprendiam-se os “Dez Mandamentos da Lei de Deus”, com especial insistência no sexto mandamento, criando traumas em torno da sexualidade, em processo de desabrochar. Decorar as orações era um exercício imprescindível. Para fazer a primeira Eucaristia, era preciso saber de cor o Pai-Nosso, a Ave-Maria, o Creio [em Deus Pai], a Salve-Rainha, o Ato de Contrição etc. E a oração brotada do fundo do coração, no diálogo filial com Deus Pai-Mãe?

Vinha, então, a experiência da primeira confissão, o mais das vezes traumática. A criança se via diante do padre, um ser estranho e desconhecido, ao qual deveria contar os “pecados”, com a possibilidade de levar uma enorme bronca. Para tornar tudo ainda mais desumano, o padre estava fechado no confessionário e se falava com ele por meio de uma pequena grade. Nada de contato pessoal! Com tudo isso, era possível pensar o sacramento como encontro com o Pai misericordioso, revelado por Jesus? Como fruto do Concílio Vaticano II, fez-se um grande esforço para renovar a catequese – catequese renovada – com novos métodos, novos conteúdos etc. Entretanto os frutos são pouco palpáveis, pela dificuldade de superar uma mentalidade construída ao longo de séculos.

A grande maioria das vocações à VR teve uma precária formação cristã, também por ser pequeno o interesse dos batizados de buscar os fundamentos da fé. Os religiosos destinados ao ministério ordenado têm a chance de estudar Teologia. Entretanto o estudo da Teologia sem um substrato cristão prévio é insuficiente para conformar o coração do estudante com o projeto de Jesus. Na faculdade de Teologia onde ensino os professores jesuítas, a certa altura, suspeitaram que os alunos chegavam sem ter uma noção exata da fé cristã, seu conteúdo e desdobramentos. Percebendo a impossibilidade de estudar Teologia cristã, carecendo desse pressuposto, foi introduzida uma disciplina com o nome amplo de Fato Cristão, com o objetivo de confrontar os novatos com o evento Cristo. Acabou se tornando uma disciplina geradora de “crise” no coração de não poucos alunos, ao verem questionada a fé ingênua e precária que cultivavam. Mesmo religiosos presbíteros que tiveram a chance de estudar Teologia têm dado mostra de insuficiência cristológica. Estão longe de ser um testemunho convincente de fé, nos moldes do Mestre Jesus.

A urgência de refundação da fé cristã dos religiosos é igual para todos os batizados. Não existe uma fé cristã exclusiva dos religiosos! As exigências evangélicas tocam a todos sem distinção. Aqui estão alguns tópicos com os quais é urgente defrontar-se, se estão convencidos da precariedade de sua fé cristã, mas, ao mesmo tempo, são conscientes da necessidade de voltar aos fundamentos da consagração religiosa, como exigência do Espírito:

- *A experiência de encontro pessoal com o Cristo.* A fé nasce da adesão a Cristo, que chega a nós no bojo da Tradição. O apóstolo Paulo afirma que “a fé vem pela pregação” (Rm 10,17), ou seja, chega a nós pelo ouvido. Todavia, é necessário o confronto pessoal com o Senhor, no sentido da experiência de Jó: “Eu te conhecia só por ouvir dizer, mas, agora, vejo-te com meus próprios olhos” (Jó 42,5). O encontro pessoal com o Senhor, marcado por um fato concreto, por ser algo bem perceptível, funciona como um divisor de águas na vida do cristão. Tudo

quanto virá depois terá o selo do agir cristão. As infidelidades serão percebidas e o caminho da conversão será um imperativo. Cada cristão deverá ser capaz de “narrar” o encontro pessoal com o Senhor, com o componente de vocação e missão, pois a experiência de fé tem sempre uma “história”, com um início bem claro. Portanto não basta passar pelo rito do Batismo para ser deveras cristão. É preciso ir além! Quem não tem consciência de ter se encontrado com o Senhor deverá pôr sob suspeita a veracidade de sua fé. Quiçá lhe baste a confissão com a boca, em consonância como o dogma. Mas é insuficiente!

O confronto com o Senhor gera os compromissos e as exigências da fé. Sem ele não se perceberá, por exemplo, a contradição entre ser cristão e ser egoísta. Daí se entende porque muitos cristãos vivem como ateus e pagãos sem se dar conta. São corruptos e injustos, mas, piedosamente, aproximam-se da mesa eucarística. Nenhuma sensibilidade demonstram para com os mais pobres, mas rezam devotamente. A inimizade e a ruptura com o próximo não criam em seus corações a exigência de reconciliação, porém sentem prazer em ler a Bíblia e trazem consigo símbolos religiosos cristãos. Sem nenhum peso na consciência. E quantos religiosos agem assim! O atual fenômeno de contínuas mudanças de pertença eclesial, passando-se de Igreja em Igreja, até mesmo com repetição do rito batismal, tem a ver com tal carência basilar. Vai-se atrás do Cristo talhado segundo as conveniências pessoais. Em geral, um Cristo que não questiona, não exige mudança de vida, a quem se recorre como panacéia para os muitos males, como se fora um ídolo.

A refundação da fé dos religiosos exige voltar aos primórdios do evento cristão na vida de cada um. Urge voltar para onde tudo começou. Na eventualidade de se deparar com uma fé precária, centrada no dogma e não no Senhor Vivo e Ressuscitado, a única solução será pôr-se a buscá-lo com sinceridade, até encontrá-lo. Uma coisa é certa: ele jamais esconde a face a quem o

busca com sinceridade. A cena evangélica de Zaqueu é ilustrativa. É Jesus quem lhe diz: “Zaqueu, desce depressa. Hoje eu devo ficar na tua casa!” (Lc 19,5). Zaqueu é que foi encontrado por Jesus. A casa que interessava ao Senhor não era a residência de “seu Zaqueu”, e sim seu coração. Quando Jesus entrou no coração do homem rico e o egoísmo teve de lhe ceder lugar, imediatamente tornou-se solidário com os pobres e deu marcha a ré na vida de explorador. Foi humanizado! Quem busca o Senhor encontra-o. E os sinais palpáveis serão uma mudança radical – conversão – no modo de proceder, nos passos do Mestre Jesus.

- *A descoberta do amor misericordioso de Deus Pai-Mãe.* Um indicador seguro da fé cristã verdadeira será buscado na imagem de Deus, expressa na vida e nas palavras dos cristãos. Boa parte deles, senão a grande maioria, sob este aspecto, encontra-se numa etapa pré-cristã. O Deus cristão não é o deus de muitos batizados que dizem ter fé, mas não estão sintonizados com o Deus de Jesus. O deus quebra-galhos, juiz implacável, velho ranzinza, negociante (o deus das promessas!), ser distante e impassível, “espírito perfeitíssimo e eterno”, nada tem a ver com o Pai de Jesus Cristo.

Jesus falou do Pai misericordioso, que não joga na cara do pecador suas faltas, antes incentiva-o a mudar de vida e a superar os erros do passado. Falou do Pai que não faz distinção entre filhos e filhas, separando-os entre bons e maus, justos e injustos, tanto que faz nascer o sol e cair a chuva sobre todos, sem nenhuma exclusão. Falou do Pai que se dá a conhecer aos pequeninos e, ao contrário, se oculta aos sábios e doutores. Falou do Pai com quem sentia prazer de estar em longas horas de oração, noite adentro, depois de um dia fatigante de atividades. Falou do Pai que não se deixa impressionar com a oração dos arrogantes, mas acolhe a oração dos humildes, carentes de perdão e de misericórdia. Falou do Pai que valoriza mais a oferta generosa da pobre viúva do que as grandes quantias dadas em esmola pelos ricos. Enfim, falou do

Deus que é amor, dando-o a conhecer em gestos de misericórdia entranhada pela humanidade sofredora.

Cabe aos religiosos perguntarem-se pela imagem de Deus perceptível no seu falar e agir. Nosso *deficit* teológico é imenso! Um claro sinal indicativo é não nos caracterizarmos pela misericórdia, tão própria do Deus de Jesus. Existem religiosos e religiosas que, deveras, são transparência do Deus de Jesus, fiéis no serviço aos mais pobres, na entrega gratuita e serena de tudo quanto são e têm ao serviço dos irmãos, na bondade e afabilidade no trato com todos. Todavia este ainda não é o traço característico da VR, na contramão do que deveria ser normal na vida de todo religioso. Adequar nossa imagem de Deus ao Deus-Amor revelado por Jesus é uma tarefa urgente e inescusável para quem pretende viver com fidelidade o carisma da VR.

- *A centralização de nosso coração no Reino de Deus e sua justiça.* O Reino de Deus, enquanto senhorio de Deus na história e na vida de cada ser humano, foi central na pregação de Jesus. Aos discípulos ensinou: “Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo!” (Mt 6,33). Jesus, por primeiro, centrou a vida no querer do Pai, a ponto de relativizar tudo mais. Aliás, valorava todas as coisas sob a ótica do Reino, até mesmo as tradições religiosas da época e as instituições mais veneráveis. Sem nenhum escrúpulo fazia o bem em dia de sábado, embora censurado pelo legalismo dos escribas e fariseus. Comia com os pecadores e pessoas de má fama, numa intimidade posta sob suspeita por seus críticos. Pouca importância dava aos preconceitos, por isso não receava tocar os leprosos e conversar com as mulheres e tê-las como seguidoras. As tradições religiosas eram relativizadas, por isso não maldava o fato de os discípulos comerem sem antes lavar as mãos. A Lei mosaica podia ser interpretada numa linha diferente da das escolas rabínicas da época, até mesmo para ser desautorizada, como no caso do divórcio e do juramento.

A adesão ao Reino levou Jesus a prescindir do templo como lugar privilegiado de encontro com o Pai, pois o verdadeiro discípulo adora o Pai “em espírito e verdade” (Jo 4,23). Os ensinamentos dos mestres da Lei perderam importância, pois “todos serão discípulos de Deus” (cf. Jo 6,45; Is 54,13). O Reinado de Deus estava de tal modo enraizado no coração de Jesus a ponto de torná-lo livre para estar a serviço da reconstrução da dignidade humana conspurcada, da libertação do ser humano de toda sorte de opressão, do descortinar horizontes novos para quem se fechara nos estreitos limites do egoísmo ou se via incapaz de mirar para além dos próprios sofrimentos e dores.

Cada religioso é chamado a examinar-se quanto ao lugar ocupado, em sua vida, pelo Reino de Deus e sua justiça. O caminho consistirá em repassar o modo de proceder na comunidade religiosa, mas também no âmbito social, político, eclesial, das relações familiares, do trabalho e do lazer. Nenhum âmbito de relação interpessoal poderá ser excluído. O referencial será a prática de Jesus: a liberdade de ação radicada em Deus, a atenção aos pobres e desumanizados, a presença junto aos marginalizados, mormente as vítimas da religião legalista da época, a capacidade de dizer a verdade aos agentes de opressão e de injustiça. Tudo por causa do senhorio de Deus – Reinado de Deus – em sua vida.

Os religiosos não podem buscar subterfúgios e justificativas para escapar dessa tarefa, por ser constitutiva da identidade cristã. Sua refundação passa por aí.

- *A solidariedade e o serviço aos pobres e marginalizados.* A fidelidade à vocação cristã exige dos religiosos priorizarem os pobres e marginalizados no serviço à humanidade. Na origem da VR moderna está o serviço aos empobrecidos. Basta olhar a história de cada Congregação para verificar como surgiu, por iniciativa de um cristão ou grupo de cristãos que, movidos de compaixão pelos doentes, pelas vítimas das guerras, pelos imigrantes, pelos portadores de deficiências físicas e mentais, pelas

crianças abandonadas ou analfabetas, pelos refugiados, pelas pessoas sem assistência religiosa etc., se uniram para socorrê-los. Novas circunstâncias exigiram que se organizassem como grupo – as Congregações –, com o escopo específico de se consagrarem inteiramente a essas e outras categorias de empobrecidos e marginalizados. A criação de estruturas complexas, “em função do serviço aos pobres”, fez com que muitas Congregações se tornassem ricas proprietárias e os membros, administradores e conservadores de um imenso patrimônio. E os pobres? A atual lei da filantropia tem enredado os religiosos numa burocracia de tal monta que os faz consumir energias preciosas em cumprir as exigências legais, muitas vezes afastando-os fisicamente daqueles de quem deveriam estar muito próximos.

O projeto de vida de Jesus, expresso em Lc 4,16-21, aponta para a centralidade que o serviço aos pobres teria ao longo de seu ministério.

O espírito do SENHOR está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu. Enviou-me para levar a boa nova aos pobres, para curar os de coração aflito, anunciar aos cativos a libertação, aos prisioneiros o alvará de soltura; para anunciar o ano do agrado do SENHOR, o dia de nosso Deus fazer justiça, para consolar os que estão tristes, [...] (Is 61,1s).

As narrativas evangélicas estão repletas de exemplos de como esse projeto de vida foi efetivado. As muitas curas de doenças, a libertação dos endemoninhados, a valorização das mulheres e das crianças, a acolhida dos estrangeiros, a benevolência para com os pecadores e gente de má fama, a ressuscitação dos mortos e a compaixão pelas multidões, que “estavam cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9,36) são expressões concretas do serviço efetivo à humanização dos desumanizados.

Este tópico deverá ser objeto do exame de consciência dos religiosos em processo de refundação de sua fé cristã.

A economia neoliberal e a face perversa da Modernidade produziram não só empobrecidos, mas verdadeiras “massas sobrantes”, descartes humanos, sem serventia. Com Jesus e como Jesus, cada religioso é chamado a experimentar uma profunda compaixão por este povo, que não tem a quem recorrer. Pode-se dizer cristão o religioso que, diante do sofrimento alheio, permanece passivo, como se não lhe dissesse respeito? Ou, então, que se contenta com a solidariedade virtual, acrescentando o nome em abaixo-assinados que giram na internet em favor dessa ou daquela causa humanitária? Ou, então, que se limita a rezar “para que Deus faça surgir uma solução para o problema da fome”, sem mover uma palha para ajudar os famintos que lhe batem à porta? Ou, então, que é cheio de boas ideias e boas intenções, mas incapaz de abraçar uma ação concreta, por mais simples que seja? Gente assim é sempre um desdouro para a VR, por ser indigna do nome cristão. A refundação de sua fé torna-se urgentíssima!

- *A dimensão eclesial da fé.* São muitas e motivadas as críticas às Igrejas cristãs. Defeitos não lhes faltam. Não há necessidade de análises sofisticadas, pois são perceptíveis. O caminho mais cômodo consiste em assumir a postura de críticos da Igreja e deixar o barco correr. É cômodo, também, colocar-se à margem da Igreja, como se fosse vergonhoso dizer-se católico, “com essa Igreja que está aí”. Na mesma linha vai também a atitude de quem age como se a Igreja institucional não existisse ou não lhe dissesse respeito, numa postura de mais total indiferença e desprezo.

Também não está correto tornar-se defensor impertérrito da instituição, subestimando-lhe os pecados, por “ser de origem divina”, numa política de avestruz. Ou, então, justificar as mazelas eclesiásticas, botando panos quentes no que há de errado. Ou se contentar em rezar para que a Igreja pecadora se torne santa.

A fé cristã tem duas faces, como uma moeda. A dimensão individual – “eu creio” – está inextricavelmente ligada à dimensão comunitária – “nós cremos”. Limitar-se

à dimensão individual, prescindindo da comunitária, é uma mutilação do ato de fé. Empenhar-se no comunitário sem uma sólida base de adesão pessoal à fé terá como efeito transformar a Igreja numa pura associação religiosa, num clube de amigos ou coisa que o valha.

Os Evangelhos falam de Jesus convocando as pessoas para o discipulado, a ser vivido comunitariamente. Evidentemente, não pensava nas estruturas de Igreja nos moldes do que temos hoje. A organização atual resulta de necessidades históricas e deve mudar no ritmo das exigências da encarnação da fé na história. Entretanto não se pode colocar em dúvida o desejo do Mestre Jesus de que os discípulos formassem comunidades. Mt 18 – o discurso eclesial – chama a atenção para diversos aspectos da comunidade de discípulos. Aí haverá respeito mútuo. Os irmãos, cuja fé está em processo de ser consolidada, não podem ser escandalizados, ou seja, tratados com tal dureza a ponto de desistirem do caminho começado. A ordem é: “Não desprezeis um só destes pequenos” (v. 10). O motivo é inquestionável: “O Pai que está nos céus não deseja que se perca nenhum desses pequenos” (v. 14). Caso alguém deva ser excluído da comunidade, existe um padrão de procedimento para evitar qualquer arbitrariedade contra o irmão faltoso, que não deve ficar à mercê do arbítrio dos líderes da comunidade. Daí a necessidade de se colocar em clima de oração, para saber qual é a vontade do Pai do céu a respeito da decisão a ser tomada. A comunidade deve estar disposta a perdoar “até setenta vezes sete vezes” (v. 22), ou seja, sempre, em se tratando de um irmão desejoso de se converter. A paciência deve ser ilimitada.

Em Jo 13,1-20, na cena do lava-pés, Jesus fala do trato fraterno que deve reinar na comunidade de discípulos. E mais: anuncia-lhes a regra fundamental das relações entre eles. “Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,34-35). Jo 14,16-17.26 fala do Defensor,

o “Espírito da Verdade”, que será dado à comunidade dos discípulos em vista do testemunho cristão. Jo 17 – a oração sacerdotal – mostra Jesus implorando ao Pai pela comunidade de discípulos, pedindo “guarda-os em teu nome” (v. 11), conservando-os na unidade, preservando-os do Maligno. “Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. Que eles estejam em nós, [...]” (v. 21), “eu neles, e tu em mim, para que sejam perfeitamente unidos, [...]” (v. 23).

O processo de refundação da fé cristã exige dos religiosos retomarem a tradição evangélica em torno da eclesialidade, para redescobrir o rosto da Igreja querido pelo Mestre Jesus. Terão como tarefa, em colaboração com os irmãos na VR, dar o melhor de si para que a figura histórica da Igreja seja o máximo possível conformada com o ideal evangélico. Nada de críticas despropositadas! Nada de rupturas! Nada de indiferença! Porém nada de ingenuidade também. Nada de “tapar o sol com a peneira”. A refundação da fé eclesial dos religiosos exige profundo espírito de fé, profunda sintonia com o Evangelho e com o Povo de Deus e muita disposição para dar a colaboração, embora pequena, para que a Igreja seja, o máximo possível, expressão do que pensava Jesus para o grupo de discípulos. Engana-se quem identifica a Igreja com a hierarquia eclesiástica. A Igreja congrega o Povo de Deus com seus pastores, todos chamados a conformar suas vidas com as exigências do Mestre Jesus.

A refundação da fé confronta o religioso com Jesus e o Reino de Deus anunciado por ele. Como desdobramento, com o rosto do outro, mormente o pobre e o sofredor, a quem se deve servir. Este é o caminho pelo qual a VR dá testemunho da misericórdia evangélica.

3. A refundação da nossa vida de consagrados

O Concílio Vaticano II fez um apelo aos religiosos na linha do *aggiornamento*. De fato, muita coisa foi feita ao longo das últimas décadas. O rosto socioeclesial da VR mudou

enormemente. São raras as grandes comunidades religiosas. Os hábitos foram simplificados, sendo deixada de lado a roupagem bizarra e anacrônica de frades e freiras. A vida cotidiana se aproximou do comum das pessoas. Os religiosos se tornaram “pessoas normais”. A presença das religiosas nas muitas formas de inserção pôs a VR em contato com a realidade sofrida dos empobrecidos e marginalizados. Por outro lado, as vocações diminuíram. O contingente das Congregações envelheceu. Obras tradicionais foram fechadas, para amargura dos que “deram a vida por elas”. Religiosos que, no esquema antigo, não tiveram chance de se dar a conhecer, por ser tudo uniformizado e estritamente regrado, quando puderam “pôr as unhas de fora”, mostraram-se ser pessoas de caráter difícil e, em alguns casos, insuportáveis.

Sem desmerecer os passos dados e as respostas positivas à voz do Espírito, quem acompanha de perto a vida das Congregações e comunidades sabe muito bem que existe um descontentamento difuso entre os religiosos. A vivência desse carisma tão importante na Igreja mostra-se de baixa qualidade, a ponto de não ser atrativo para os jovens em busca de um grande ideal ao qual consagrar a vida. Às vezes, falando para religiosos ou religiosas, apresento uma pergunta capciosa: “Se um irmão, irmã ou parente seu quisesse ser religioso, vocês indicariam a Congregação a que pertencem?”. É comum ouvir exclamações apavoradas: “Deus me livre!”. Se alguém não se dispõe a apresentar seu projeto de vida como possibilidade a um irmão, irmã ou parente é porque existe algo de errado. O normal seria que o religioso se sentisse tão feliz em sua Congregação e em seu projeto de vida a ponto de ansiar por ver outros parentes fazendo a mesma opção. Não só, muitos outros jovens!

A desculpa de que, hoje, as famílias são pequenas; que os jovens não são capazes de grandes sacrifícios, como os jovens de outrora, que optaram pela VR; que os jovens são materialistas, consumistas, hedonistas, são respostas parcialmente verdadeiras. O estilo de vida de muitas Congregações e comunidades está de tal modo em descompasso com o Evangelho que a agregação de novos membros se torna

problemática. Existe propaganda enganosa em muita pastoral vocacional da VR. Os enunciados dos *folders* e material para apresentar o carisma da Congregação não correspondem à realidade da vida dos respectivos membros.

Tudo isso é muito triste, pois a VR tem um grande potencial para fazer de religiosos e religiosas pessoas felizes e realizadas. Os projetos de vida das Congregações, expressos nas Constituições, são realmente inspirados. Por que, então, são incapazes de mover os religiosos a abraçá-los com garra? Por que o descompasso tão grande entre o ideal e a realidade? Por que o clima geral da VR, do que se ouve de religiosos e superiores, é decepcionante e desanimador? Que fazer, cruzar os braços? Esperar, pela lei da inércia, que as coisas entrem nos eixos? Deixar que a VR, enquanto carisma secular na Igreja, vá se apagando lentamente, até se tornar um fenômeno do passado? Abrir espaço para as novas formas de vida comunitária, que surgem em razoável quantidade, assumirem, na Igreja, o lugar ocupado durante séculos pela VR?

Uma coisa é certa: os principais prejudicados com a deterioração e o eventual desaparecimento da VR serão os pobres. Como o aumento indiscriminado da pobreza e da marginalização social, a VR é chamada a recobrar vigor e construir uma nova figura histórica, em consonância com as exigências do Evangelho e os apelos dos sinais dos tempos, com forte marca de profetismo. Entretanto, é mister cada religioso se refundar, enquanto religioso. Quais são as exigências dessa refundação?

a) Tomar consciência da real identidade da VR

A identidade da VR ainda está muito confusa na cabeça de muitos religiosos. Quiçá tenham uma vaga ideia do que se trata. Caminho de perfeição? Vida de consagração a Deus? Seguimento de algum santo fundador? Uma espiritualidade? Esta nebulosidade de origem tem consequências na forma como o religioso abraça esse carisma eclesial, por não se dar conta das exigências. O sentido de pertença se torna extremamente frágil. Abandona-se a VR, depois de muitos anos

de votos, sem que a ruptura cause qualquer dor. E quando se faz os votos num mês e, no mês seguinte, se abandona a Congregação? Existem religiosos que se sentiram chamados à VR por motivos totalmente aleatórios: acharam bonito o hábito dos frades; sentiam-se bem quando estavam na casa das irmãs, porque nas próprias casas “era um inferno”; alguém lhe disse que tinha “cara de padre” ou “jeito de irmã”. Há também o caso de certos religiosos baterem os olhos em determinado jovem e, de certa forma, tomarem a decisão quanto à vocação dele. E quando pessoas desequilibradas, psíquica, mental ou afetivamente, buscam a VR e os encarregados da seleção não se dão conta e lhes abrem as portas da Congregação? Se forem despedidos logo nas fases iniciais, ainda bem. Se seguem adiante, as consequências da inépcia da equipe de formação e dos superiores não tardarão a aparecer.

A VR nasce da vivência comunitária da vocação cristã, a partir de um carisma fundacional, reconhecido e aprovado pela Igreja. O âmbito eclesial é o primeiro lugar de experiência comunitária da fé. A Igreja é a comunidade privilegiada dos cristãos. Uma autêntica vida de fé, numa comunidade eclesial, é o lugar natural de surgimento da vocação à VR. Aí o cristão se defronta com o rosto dos empobrecidos e marginalizados e sente o apelo a se colocar a serviço deles, como tarefa prioritária. Verificando as aptidões e os interesses, será o caso de averiguar com que grupo de outros cristãos – Congregação – será possível realizar o chamado que Deus lhe colocou no coração. Cada Congregação tem um projeto de vida e de missão, centrado em serviços concretos em favor do próximo. Afinal, as Congregações surgiram assim: um cristão ou uma cristã, ou um grupo, defrontando-se com situações humanas bem concretas e movidos pela misericórdia, decidiram unir-se para responder aos apelos da realidade. E se organizaram para atender os doentes, os pobres, os menores abandonados, as vítimas de guerra, os imigrantes, os analfabetos, as pessoas em situação de risco etc. Com o passar do tempo, tornaram-se um grupo reconhecido pela Igreja, com um projeto de vida aprovado, e passaram a acolher novos adeptos, que, como eles, queriam participar do mesmo

serviço ao próximo. Na Igreja Católica aconteceu de as Congregações com opção apostólica, cuja origem foi o serviço aos pobres, acabarem sendo moldadas segundo as práticas das ordens monásticas, com reza comunitária do Ofício Divino, regra do silêncio, imposição da clausura, refeitório no estilo dos monges, conventos com altos muros, bem distantes do povo. Todavia, na origem da VR apostólica está uma grande proximidade dos religiosos junto ao povo, até mesmo com seu modo de vestir. O deslocamento descaracterizou a VR, que passou a ser entendida como caminho de perfeição e, para muitos, fuga do mundo. É preciso redescobrir as raízes de nossa vocação. Os religiosos são, antes de mais nada, cristãos comprometidos com a causa do Reino e dispostos a, com outros irmãos ou irmãs, lançarem-se totalmente na construção do mundo justo e fraterno querido por Deus. O carisma e o projeto congregacionais darão as pautas da ação. Portanto, a vida cristã, eclesialmente vivida, e o desejo sincero de se entregar todo a serviço dos irmãos são pressupostos para uma autêntica vocação à VR. Tal é o húmus onde se descobre ser chamado a esse carisma. Vocações nascidas fora deste contexto serão de procedência duvidosa. Será preciso prestar muita atenção nelas. O projeto de VR deverá ser proposto, apenas(?), a jovens com intensa vida eclesial e engajamento cristão na sociedade. Só eles estão aptos para dar o passo da VR, que deverá incrementar-lhes o zelo missionário e o desejo de servir, só que engajados num grupo com idêntica vocação para o serviço.

A refundação dos religiosos exige questionar a visão de VR que está na cabeça e no coração de cada um. Trata-se de um carisma eclesial. Para assumi-lo, é preciso ter os prerequisites necessários para o estilo de vida suposto. Se faltam, o carisma será vivido penosamente e jamais será portador de alegria e realização pessoal.

b) Redescobrir as raízes do projeto congregacional abraçado

As Congregações religiosas encarnam o carisma da VR a partir de um projeto de vida concreto, expresso nas Cons-

tituições, nos documentos fundacionais e nos textos produzidos ao longo da caminhada, visando atualizar o ideal de vida original, a partir dos apelos do Espírito. As Congregações estão a serviço de missões bem concretas, em geral em favor dos empobrecidos e marginalizados. Existem outros serviços, igualmente importantes, ligados à evangelização, aos meios de comunicação, ao mundo do trabalho e da pesquisa e tantos outros. Ao serem fundadas, de certo modo as Congregações especializam-se em determinados tipos de ação missionária, sempre voltadas para o serviço ao Reino.

O projeto missionário congregacional determina a opção que os candidatos fazem pela Congregação, os quais devem verificar suas aptidões e interesses antes de se determinarem por tal ou qual Congregação. Existem religiosos que estão na Congregação errada. Por isso vivem em constante "crise congregacional", pois não estão em condições de se entregar, de corpo e alma, à missão por lhes faltar substrato humano. Quiçá em outra Congregação, cuja missão esteja sintonizada com suas aptidões e interesses, viveriam de forma mais saudável. Outros ingressam em determinada Congregação sem avaliar, com atenção, o projeto oferecido. Por isso tendem a fazer um caminho à revelia da Congregação. Pode acontecer de a própria Congregação não ter suficiente consciência do motivo por que existe ou ser incapaz de expressar seu carisma. Resultará daí que os membros terão dificuldade de viver uma VR consistente.

Há Congregações preocupadas com o número de religiosos e aceitam quem se apresenta, sem a devida seleção, com as consequências desastrosas previsíveis. Acontece, também, de as Congregações possuírem um projeto congregacional bem delineado e fundamentado, suficientemente consistente para balizar uma caminhada evangélica. O problema é que os membros pouco se interessam por ele. O livro das Constituições fica jogado no fundo da gaveta! Jamais recorrem a elas em busca de inspiração, nem se importam de reportar a elas na caminhada.

A refundação dos religiosos passa pelo carisma e pelo projeto congregacionais abraçados com alegria e fidelidade. Afinal,

a opção pela VR se concretiza na escolha de uma Congregação, a cujos membros a pessoa se une para caminhar junto e viver a fé cristã, com grande qualidade humana, como serviço aos demais, a começar pelos companheiros de caminhada. Quem percebe que se equivocou na escolha da Congregação, conscientemente, deve repensar a opção. Quem acertou na escolha, mas é relapso na vivência do carisma e do projeto congregacionais, é instado a buscar o caminho da fidelidade à opção feita. Caso contrário estará perdendo um precioso tempo, caminhando na ambiguidade, na inautenticidade ou no puro e simples desleixo. Os projetos congregacionais, enquanto carregados de espiritualidade, deveriam ter como efeito produzir religiosos realizados e felizes. Quando isso não acontece, é sensato fazer uma séria revisão de vida e escutar, com docilidade, a voz do Espírito.

c) Recuperar a alegria de viver em comunidade

Optar pela VR comporta, necessariamente, uma opção pela vida comunitária. Ser religioso e não gostar da vida em comunidade é uma contradição. Ser religioso, mas fugir da vida comunitária, é uma contradição. Ser religioso, e viver a vida comunitária de qualquer jeito são polos irreconciliáveis. Entretanto muitos religiosos dão pouca ou nenhuma importância à vida comunitária e seguem adiante sem nenhum peso na consciência. Pior ainda: insistem em tornar pesada a vida de quem, com sinceridade, quer viver esta dimensão imprescindível do carisma de ser religioso.

A vida comunitária é o termômetro privilegiado para verificar a qualidade da vivência da vocação à VR. Não há como escapar da constatação de estarmos muito longe de nosso ideal. É comum encontrar comunidades onde as pessoas não se entendem. Falta solidariedade e cada um se fecha no seu mundo. Reinam as inimizades, guerras verbais, insensibilidade em relação ao outro, e os indivíduos simplesmente se suportam. Em geral, os superiores maiores gastam a maior parte do tempo resolvendo pendengas de comunidades. Atuam como "bombeiros" apagando incêndios que pipocam por toda parte. Não poucos superiores se veem

em apuros quando se trata de destinar um juniorista. Para onde mandá-lo, se não existe nenhuma comunidade suficientemente integrada para recebê-lo? É grande a tentação de dizer que uma Congregação ou província nesse estado deplorável deveria ter a coragem de encerrar suas atividades como VR e mandar os membros cuidar da própria vida, pois nelas o carisma da VR foi conspurcado de tal modo que não tem mais razão de ser. Não basta viver numa casa chamada de "comunidade religiosa" para que ali a VR esteja sendo encarnada. Pode ser, antes, um grupo de solteirões mal resolvidos, de pensionistas ou hóspedes de um albergue ou abrigo para incapazes.

A comunidade religiosa, para ser digna deste nome, exige ser formada por pessoas bem humanizadas e humanizadoras e, por outro lado, pessoas com uma profunda vivência da fé cristã. Sem esses dois pressupostos será um desastre! A alguém que esteja na VR, qualquer que seja a quantidade de anos, e não sente alegria na vida comunitária, nem está disposto a trabalhar-se para torná-la um caminho de felicidade, é o caso de lhe perguntar se não está no lugar errado e por que não busca outro projeto de vida, mais compatível com seu caráter.

A refundação da vida de consagrado, no tocante à vida comunitária, exige deixar brotar do coração toda a humanidade nele contida. As relações serão marcadas pela bondade no trato mútuo, pela capacidade de superar as divergências, pela disposição de ajudar o irmão em suas necessidades, pelo alegrar-se com suas vitórias e também por apoiá-lo em suas derrotas. Em tudo isso ter-se-á sempre em mente a comunhão trinitária, para onde aponta toda e qualquer vida comunitária fundada na fé no Senhor Jesus. A vida comunitária só é autêntica quando vivida na fé. Então, o outro será considerado um presente de Deus a ser valorizado. Resultará, daí, a disposição para o perdão e para assumir o outro, em suas alegrias e tristezas, vitórias e fracassos.

Num mundo onde as relações humanas se esgarçam sempre mais, um testemunho autêntico de vida comunitária, no âmbito da VR, poderá se constituir numa denúncia profética das intolerâncias e dos fanatismos.

d) Viver com fidelidade os votos religiosos como predisposição do coração para a missão

Os votos religiosos têm uma dimensão jurídica e outra espiritual. A dimensão jurídica corresponde à formalização do ingresso do religioso na Congregação a que pertencerá, passando a gozar de todos os direitos e a se submeter a todos os deveres previstos nas Constituições. Apondo a assinatura na fórmula dos votos, compromete-se publicamente a se pautar pelo projeto de vida congregacional, no que lhe diz respeito.

Todavia a dimensão espiritual é mais importante. Trata-se da libertação do coração para, junto com os irmãos, colocar-se todo a serviço do Reino. A vertente apostólica dos votos deve estar sempre no horizonte dos religiosos. Quando o religioso é infiel aos votos, a missão fica comprometida. O voto de pobreza liberta-o do apego às criaturas para, voltado todo para o Criador, centrar-se inteiramente nele e em sua vontade. O voto de pobreza possibilita fazer a experiência do Reino de Deus, nos moldes indicados no Evangelho, ao apontar para o absoluto de Deus na vida do religioso. O voto de castidade liberta o coração do religioso da polarização de todo e qualquer afeto desordenado, predispondo-o a amar os seres humanos sem distinção, nos passos do Mestre Jesus. Seguindo Jesus, o religioso que optou por não contrair matrimônio deixar-se-á afetar pelos empobrecidos e marginalizados, aos quais dedicará um amor de predileção. O voto de obediência predispõe o religioso para acolher as missões que o Senhor lhe confiar, pela mediação dos superiores, sem tergiversar nem buscar o que lhe é mais cômodo. Aliás, esse voto sensibiliza o religioso para as missões mais exigentes e desafiadoras, para estar ali onde o testemunho do Reino se faz mais premente.

O *deficit* na vivência dos votos por parte de não poucos religiosos é claramente perceptível. O voto de pobreza é incapaz de pôr um basta nas muitas idolatrias, representadas pela busca do conforto, pelo uso indiscriminado do dinheiro, pelas contas bancárias alimentadas à revelia dos superiores, mas também pela falta de cuidado com os bens

da comunidade e pela incapacidade de socializar os bens e compartilhá-los com os pobres. O voto de castidade não chega a transformar em ágape o amor que muitos religiosos têm no coração. Quando não estão vidrados no erótico, as relações não passam de uma amizade superficial ou, muitas vezes, interesseira, em busca de compensações. Pode acontecer também de serem pessoas totalmente desprovidas de afeto, secas, pétreas, insensíveis, incapazes de se compadecer dos sofredores, chegando ao extremo da malignidade de fazer os outros sofrer sem dó nem piedade. São todas situações onde a espiritualidade dos votos não produz fruto.

Religiosos assim são chamados a se refundar e a encontrar o caminho da fidelidade, não a uma submissão exterior às exigências dos votos, mas o caminho de uma vivência que vem do fundo do coração e tem a força de torná-los livres e disponíveis para servir, sem nenhuma contaminação nem mescla de hipocrisia.

e) Tomar consciência de que aos empobrecidos e marginalizados devem ser consagradas as melhores forças apostólicas

Embora os empobrecidos e marginalizados já tenham sido referidos várias vezes, é preciso voltar a eles, num tópico especial, ao se falar da refundação dos religiosos. O Pós-Concílio Vaticano II foi um tempo em que os religiosos tomaram consciência da importância de estar ao lado dos pobres também fisicamente. Surgiram as comunidades de inserção e as pequenas comunidades, com o paulatino desaparecimento dos grandes conventos rodeados de muros altos e das clausuras. O primeiro momento foi marcado pela tensão entre os que foram para as pequenas comunidades inseridas e os que permaneceram nas grandes comunidades, mormente nos colégios. O tempo se encarregou de apaziguar os ânimos, de forma compulsória, pela diminuição das vocações e pelo envelhecimento dos veteranos. As comunidades foram implacavelmente se encolhendo. Quem foi para a inserção e as pequenas comunidades, passado o entusiasmo inicial, caiu na conta do preço a ser pago. É que viver entre os po-

bres e como os pobres não é uma realidade idílica, como se poderia pensar. Hoje parece que as pequenas comunidades se consolidaram. As inserções estão estabilizadas.

Fica, porém, a questão: e os pobres, que lugar ocupam na preocupação dos religiosos? Tem-se a impressão de que estão sendo vistos, com muita insistência, sob o aspecto da aplicação dos recursos da filantropia, como exigência do governo, com certo descaso das exigências evangélicas.

O processo de refundação dos religiosos passa pelo confronto com os empobrecidos e marginalizados, em cujo rosto contemplamos a face do Senhor Jesus e em quem servimos o próprio Jesus. Mesmo quem tem uma missão não estritamente ligada aos empobrecidos – por exemplo: a educação universitária, o mundo das ciências, das artes e da cultura, o serviço da reflexão filosófica e teológica ou assessorias de variados tipos – deve ter sempre em mente que, enquanto religioso, os pobres deverão estar presentes no exercício da missão. Quando somem do horizonte, passa-se a trilhar o perigoso caminho da infidelidade, com o risco de aburguesamento e de insensibilidade para com os preferidos de Deus.

f) Trilhar um caminho de busca constante de Deus e de discernimento de sua vontade, por uma vida de oração, nos moldes do Mestre Jesus

A vida de oração está referida neste tópico. Todavia perpassa tudo quanto foi dito da refundação de nossa vida de consagrados, pois, afinal, sem vida de união com Deus, vida no Espírito – espiritualidade –, não existe fidelidade possível ao carisma da VR. A refundação diz respeito ao modo de rezar dos religiosos. Infelizmente, muitos desaprendem a rezar ao ingressar na VR. De uma vida de íntima união com o Deus Pai-Mãe, já no (pré)noviciado é-se instruído a rezar segundo fórmulas prefixadas, a aprender “novas técnicas de oração” e a se contentar com o que está determinado. Resultam daí orações mecânicas, sem profundidade, incapazes de mergulhar o religioso no Mistério de Deus. Uma mestra reportou-me o diálogo que teve com uma de suas

noviças, que lhe disse: “Já fiz as orações que a senhora mandou, agora vou fazer minha oração!”. Ou seja: as instruções da mestra, para orientar a oração da noviça, foram seguidas à risca. Mas para a noviça aquilo não era oração. Feito o que a mestra ordenou, agora sim podia dar-se à oração movida pelo Espírito e falar com Deus do fundo do coração. É fácil deduzir que perdeu tempo ao rezar “da maneira ensinada pela mestra”, por ser uma oração artificial, sem vida, sem espiritualidade.

Um ponto a ser compreendido pelos religiosos diz respeito ao que seja a oração cristã. Não é um ato como os demais atos do dia a dia: levantar, escovar os dentes, rezar, tomar café. A oração consiste na comunhão continuada com Deus, com quem se está sempre em diálogo, a quem se escuta em cada instante do dia e a quem se procura responder com a mais total transparência e desejo de ser obediente. Existem momentos específicos, ao longo do dia, para se entregar à oração. Entretanto, ao se dizer o “amém” final, a vida de oração não fica em suspenso até o próximo momento, em que se deixará tudo “para ficar a sós com Deus”. Antes, ela continua e, em determinadas circunstâncias, no auge da ação, poderá acontecer de forma até mais intensa e comprometedora. A autêntica oração resulta da comunhão com Deus.

A refundação da vida de oração de cada religioso começa com o recentramento em Deus, com quem se está em diálogo, ao longo de toda a jornada. A oração formal, particular ou comunitária, inserir-se-á nesta dinâmica abrangente e tomará novo impulso, pois os lábios falarão do que vem do íntimo e não palavras bonitas para impressionar, tampouco ter-se-á a ousadia de aproveitar os momentos de oração para alfinetar os irmãos ou lhes jogar indiretas. Não será preciso recorrer a métodos sofisticados de oração ou gastar horas e horas para preparar orações bem elaboradas, cheias de dinâmicas, músicas de fundo, símbolos e gestos. A simplicidade será o caminho mais seguro para se encontrar o Senhor e dialogar com ele.

A refundação de nossa vida de consagrados suporá um esforço continuado para superar a rotina e a acomodação e,

movidos pelo Espírito, abraçar o carisma e o projeto congregacionais como mediações eficazes para uma vida realizada e feliz, com grande força de atração para novas vocações.

Conclusão

O futuro da VR está nas mãos de cada religioso que, respondendo ao apelo do Espírito, reconhece a necessidade de se refundar. Daí poderá se originar uma nova figura histórica da VR mais misericordiosa, mais comprometida com a construção do Reino, mais sintonizada com os apelos da história, mais servidora dos empobrecidos e marginalizados, mais fiel a seu carisma eclesial e conformada com sua vocação humana e cristã. Enfim, mais missionária. Um projeto de vida dinâmico e atual terá muita probabilidade de atrair jovens em busca de ideais elevados aos quais consagrar a vida. Encontrando um grupo de irmãos realizados e felizes, o jovem terá a chance de, também ele, com a graça de Deus, ser muito realizado e feliz.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Por que é mais conveniente insistir na “refundação dos religiosos” do que na “refundação da VR”?
2. Em que pontos concretos das três dimensões abordadas a refundação dos religiosos se faz mais urgente? Por quê?
3. Quais são os maiores entraves encontrados na refundação dos religiosos? Como superá-los?
4. Existem religiosos e religiosas que vivem uma dinâmica de contínua refundação pessoal, no sentido abordado pelo texto. Evocar alguns testemunhos, tentando perceber qual é a motivação de fundo desse modo de ser religioso.

Marcas geracionais. Impasses e dilemas religiosos

479

BRENDA CARRANZA*

A cultura de massa se encarregaria de inflamar a isca antropológica que viria a ser o filme *Juventude transviada* (*Rebel without a Cause*), de Nicholas Ray, lançado em 1955. Jim Stark, vivido pelo lendário James Dean, e Judy, interpretada por Natalie Wood no auge de sua beleza, espelhariam uma geração americana que rodaria o mundo, ditando padrões culturais de uma classe social, mitos erguidos em torno de comportamentos previsíveis, moralidades implodidas que logo seriam interpretadas como precursoras de contestações contraculturais. Quase sessenta anos depois, modelos, mitos, identidades e padrões parecem ter ficado a anos-luz do que hoje caracterizaria essa juventude, onde até o termo transviada, enquanto adjetivo, esvazia o poder de sua imagem perante uma realidade sem referências, sem caminhos certos, sem parâmetros aos quais se ater.

Há quem diga que são *tempos líquidos*, efêmeros, *hipermódnos* o invólucro das novas gerações e que são elas o epítome que cristaliza as angústias e incertezas que cercam a sociedade ocidental, quem sabe também a oriental. Perfilar a juventude contemporânea não é tarefa fácil, aliás resulta mais proveitoso expor as dimensões a ser levadas em conta quando a ela se referem como categoria social. A mesma coisa pode ser pouco fértil se com esse exercício só se pretende classificar, coisificar e estandardizar o rápido movimento que ela representa num período extremamente rápido em *tempo real*.

Talvez seja mais interessante *garimpar* as marcas geracionais que a juventude traz, enfatizando sua especificidade perante

* **Brenda Carranza** é doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e professora convidada da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas. É membro e assessora do Instituto Nacional de Pastoral da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros – INP/CNBB. É autora de diversas publicações. **Endereço da autora:** Rua Dr. Quirino, 1733, Centro, CEP 13015-082, Campinas-SP. Tel.: (19) 3237-5617/Fax: (19) 3236-4121. E-mail: brenda_poveda@terra.com.br.

Judy e Jim, que também foram novidade na sua época; *compreender* a maneira como ela “deglute” os avanços tecnológicos, dos quais é mais que usuária; *intuir* o modo como sua subjetividade é configurada, em interação com a sociedade de consumo, que insiste em ofertar a cultura de *culto ao corpo* como referência de autorrealização pessoal; são esses alguns dos verbos que costuram a presente reflexão.

Mais um, perante a incessante busca de *sentido* das atuais gerações: propõe-se *interpelar* as comunidades, grupos e instituições religiosas, portadoras de formas consolidadas de *outorgar densidade* a existência humana. Dado que, aparentemente, elas parecem estar mais preocupadas com sua *sustentabilidade* do que com sua vocação de ser núcleos de referência significativa das novas gerações. De mal a pior, proliferam intestivamente no campo religioso, qualquer que seja sua conotação confessional, setores reativos incapazes de dialogar com a complexidade moderna e que se aferram a respostas e linguagens que pouco, ou nada, se aproximam das gerações *plugadas* em outras aspirações. Tudo leva a crer que, nessa batalha com forças desiguais, tanto a mídia quanto a cultura do consumo são vitoriosas.

Como toda reflexão que incita ao debate, não se espere respostas a esse texto. Ao contrário, promete-se mais perguntas que pulverizem toda e qualquer necessidade de receitas prontas que pretensamente *transformem* a realidade. Almeja-se, assim, dotar de aguçada sensibilidade o(a) leitor(a) para que, como os próprios jovens, *naveguem* e *indaguem* mais.

Juventude ou juventudes

Tida como “os anos dourados”, a juventude evoca um ciclo de vida que vai além do enquadramento biológico dos 15 aos 24 anos, remetendo ao *status* do transitório e da singularidade, da construção de sonhos, anseios e mudanças de toda ordem. Etapa em compasso de espera, na qual tudo é permitido, tudo é perdoado porque se é jovem, novo, idealista, utópico. Nesse sentido, a experiência juve-

nil revela a sua dimensão de *moratória vital e social* (Margulis; Urresti, 1996).

Mas a juventude, enquanto categoria analítica, se reveste de um verniz de homogeneidade que camufla um longo percurso de construção social contido nas dificuldades do *ser jovem*, de acordo com o lugar social ocupado e as oportunidades de trabalho, estudo, lazer e segurança a que ele tenha acesso. Na década de 1980, o grande pensador Pierre Bourdieu, em entrevista sobre a juventude e o primeiro emprego, definiu a juventude como *apenas uma palavra* que requer ser compreendida enquanto categoria socialmente reconhecida, sensível à manipulação ideológica, pois encerra em si uma representação social consolidada por setores dominantes que a idealizam e a estereotipam (Bourdieu, 1983, p. 16).

Nesse sentido, pensar em juventude como categoria é mais do que pensar numa faixa etária determinada, pois ela irá além do dado biológico, desdobrando-se numa palavra que tem uma conotação ideológica por estar sempre acompanhada de adjetivos que a qualificam, independente de ser ou não explicitados esses adjetivos. Explica-se que não se pode falar em juventude em geral, ela sempre deverá ser contextualizada e matizada – por exemplo: juventude feminina negra, juventude pobre, juventude homossexual etc. A partir daí, problematizar a noção juventude tem sido um dos desafios de diversas pesquisas nos últimos anos. Diante dos inúmeros cenários juvenis e da necessidade de apreender a especificidade juvenil quando afetada por fenômenos como violência, criminalidade, desemprego, drogas e mídia, os cientistas sociais têm sido obrigados a ampliar os limites do conceito (Camurça; Tavares, 2004, p. 11-46). Essas tendências de inflexão analítica, que respondem pelas correlações entre macro e micro nas pesquisas, podem ser sintetizadas em três abordagens: *geracional, transversal e compreensiva*.

Ao ser classificada em características que respondem a um determinado segmento social, a juventude passa a ser homogeneizada e mitificada. Questionar de que tipo de jovem se está falando e se este se identifica com determina-

dos estereótipos é um dos focos da abordagem *geracional*. A flexibilização dos contornos que perfilam um *tipo-ideal* de juventude autoriza focar as diversas experiências juvenis, perpassadas por raça, classe, gênero e etnia.

Tal alargamento permite fazer um recorte *horizontal*, de modo a não enquadrar numa única experiência juvenil todas as possíveis juventudes nela contida. As manifestações geracionais são vistas como expressões de uma pluralidade cultural, na qual o jovem é identificado e se identifica a partir da própria realidade vivida. Com isso, a juventude é interpretada enquanto uma subcultura no conjunto social.

Numa outra direção, a proposta do recorte *transversal* consiste em captar a especificidade e o modo como os jovens são afetados na interação com o consumo, com a marginalidade, a delinquência, a religião, a homossexualidade, a corrupção e outros temas. Coloca-se na esteira da discussão problemáticas sociais que afetam, transversalmente, todos os jovens, indistintamente do meio social e produtivo no qual se encontrem, ampliando-se o escopo de percepção dos mais diversificados segmentos juvenis.

Finalmente, a abordagem *compreensiva* tem sido uma nota distintiva dos trabalhos de pesquisa nos últimos anos. Ela dá um passo à frente das abordagens *geracional* e *transversal*, pois, além de se preocupar com as interseções de classe, gênero e cor, e de perscrutar temáticas decisivas na vida dos jovens, acrescenta os critérios de adesão e pertencimento que dimensionam a vida do indivíduo jovem. O viés identitário recoloca metodologicamente as variações que a representação *juventude* traz e seu impacto histórico no diálogo geracional, na apropriação dos espaços públicos e na construção de referências subjetivas, individuais e coletivas.

O esforço de enquadramento categorizado mostra a metamorfose que a trajetória social do conceito tem sofrido, e o nível de adensamento teórico que a palavra *juventude* comporta. Na verdade, aproximar-se da juventude é aproximar-se da filigrana dinâmica que a envolve, desfiando as fibras de um tecido que, enquanto experiência vital e polissêmica, costuraram a sociedade (Galland, 2001; Abramo,

2005). Retirar as camadas de significados que se foram sedimentando ao redor dessa noção representa, de certo modo, refazer a história da maneira como foi socialmente pensada, “fabricada” (Levi; Schmitt, 1996).

Mesmo assim, compreender as experiências da juventude representa um exercício desafiador, pois pressupõe um olhar crítico das categorias classificatórias – juventude conservadora ou progressista, alienada ou engajada, individualista ou solidária –, usadas de geração em geração. Ainda que a experiência juvenil seja inédita, ao ser única e irreproduzível a cada indivíduo, ela deve ser objeto de comparação para perceber a sua singularidade (Abramovay, 2002).

Indubitavelmente, a temática juventude é fértil. Seu estudo requisita um treinamento árduo para perscrutar os modelos sociais pré-construídos e os paradigmas naturalizados ao longo do tempo. Tarefa que impele os cientistas sociais a se debruçar na compreensão dos movimentos centrípetos e centrífugos que a juventude, como ciclo vital, desencadeia, ora numa sociedade pós-globalizada – como alguns ousam denominá-la após a crise financeira de novembro 2008¹ –, ora na vivência de uma história pós-humana e pós-orgânica, no nascente século XXI, como a seguir será caracterizada.

Filhos e/ou vítimas da revolução tecnológica

Se, no terreno intelectual, para falar de juventude se requer considerar todos os seus contornos, imagine-se o que é para o jovem de hoje viver sua *moratória social e vital* numa realidade marcada pela incerteza da inserção no mercado de trabalho, na fragilidade da própria vida perante a violência urbana, e no modo como se configuram as novas subjetividades pautadas pela linguagem da mídia virtual e pela cultura de consumo (Najmanovich, 2006). Eles compartilham sua vida numa realidade que os atinge, mesmo sem ter consciência, na vida cotidiana daquilo que Paula Sibília denomina *sociedade pós-humana* e Laymert Garcia dos Santos chama de *pós-orgânica*.

1. Principal ideólogo da *Terceira via*, na qual procura um caminho alternativo entre liberalismo radical e tendências estatizantes, Anthony Giddens, em entrevista sobre seu livro *The Politics of Climate Change*, reitera a necessidade de repensar o modelo neoliberal tido como globalização. Revisão que urge, haja vista as consequências nefastas que o falido modelo trouxe, mostrando claramente a incapacidade e a falta de responsabilidade que os países ricos tiveram ao administrar o sistema financeiro sem responsabilidade social e a omissão conivente do Estado (*Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 mar. 2009, Caderno Mais, p. 4).

2. A reportagem, de entrada, reconhece que é uma generalização, o que sem dúvida não a obriga a fazer recortes de classe, gênero, raça ou etnia, além do que explicita que a enquete foi feita *on-line*, respondendo 527 pessoas, entre pais, psicólogos, educadores e jovens (13-20 anos) de todo o país. Evidentemente, num olhar rigoroso, ela reduz seu universo de informantes àqueles que têm acesso a servidores (pessoais ou em *lan houses*). Portanto, é um universo eminentemente de perfil metropolitano de classe média, média alta. Dizendo claramente: mais do que uma pesquisa, os dados são fruto de uma enquete; mais do que uma análise sobre dados apresentados, faz-se um exercício de moralismo sobre os mesmos.

A primeira é compreendida como uma categoria que emerge a partir do entrecruzamento dos impactos culturais produzidos pelo aperfeiçoamento dos organismos por meio da tecnologia, os denominados *cyborgs*, e os questionamentos éticos que a biotecnologia suscita (Sibilia, 2005, p. 65). Já a segunda se propõe pensar a sociedade como *pós-humana*, enquanto a possibilidade de delimitar o fim do humanismo, onde o ser humano não é mais a medida das coisas, mas está sob a linguagem da informação, seja genética, seja digital. A virada cibernética estaria em trazer o corpo do indivíduo, por exemplo, para o plano da informação nos mínimos detalhes e gerenciar, a partir daí, sua relação com o mundo (Santos, 2003).

Nessa direção de compreensão do mundo a partir da tecnologia, artigo da revista *Veja* abordou a anatomia dos jovens brasileiros, caracterizando-os como “filhos da revolução tecnológica, [que] vivem no mundo digital, são pragmáticos, pouco idealistas e [que] estão mais desorientados do que nunca”² (Buchalla; Teixeira, 2009, p. 84). Evocar essa reportagem neste espaço de reflexão tem o intuito de alertar sobre o esboço que a mídia faz do jovem/adolescente e como decodifica comportamentos específicos de um grupo, generalizando-os, independente de corresponderem à diversidade sociorregional do Brasil.

Generalização que justamente gera imaginários que fazem coincidir, na sociedade de consumo, a defasagem entre realidade e sonho, entre capacidade aquisitiva e desejo. Ao “fotografar” o jovem brasileiro com sentenças do tipo *eles formam, ainda, a geração de tudo-ao-mesmo-tempo-e agora*, ou *celular, iPod, computador e videogame praticamente viraram uma extensão do corpo*, ou *uma juventude que vive em rede com tudo de bom e de ruim que isso significa*, antecipa uma realidade potencial que acontece com alguns, mas que virá a ser de todos, apostando-se que é questão de tempo e de abaixar os preços para que os traços sejam comuns.

Interessa ressaltar que essas expressões perfilam um novo tipo de percepção do mundo. Por um lado, como a reportagem afirma, são jovens com mais acesso a informação, que

é acionada pela curiosidade da disponibilidade dos dados, o que não deixa de ser verdade, mesmo que mais acesso a informação não implique a análise crítica da mesma. Por outro lado, estão sempre *plugados, conectados*, o que faz deles seres altamente estimulados, porém dispersos e pouco aprofundados. Assim, a mesma reportagem afirma que:

[...] o frenesi da era digital ajuda a empurrar esses adolescentes a trocar de amores, amizades, cursos e aspirações como quem troca de tênis [...] Expõem-se tanto a ponto de já terem sido chamados de geração *look at me (olhe para mim)* [...] Os adolescentes costumam devassar suas próprias vidas nos sites de relacionamento – Orkut adolescente se expõe demais na internet [...] intimidade devassada na rede [...] Precisa baixar música *iPhone?* Chame o adolescente mais próximo. É impressionante a desenvoltura desses jovens com as novas tecnologias [...] os jovens convergem fatalmente para a internet [...] as classes C, D e E têm menos dinheiro, mas se comportam da mesma maneira [...] (Buchalla; Teixeira, 2009, p. 85-93).

A essa caracterização pode-se acrescentar como os jovens vivem confortavelmente no ritmo de *hardware e software, bytes, cliques, pixels, videogames, Secondlife*,³ *Quarterlife*,⁴ *compactos informativos*. Que a geração YouTube expressa suas ideias e identidade nos milhares de vídeos que arribam como fatos reais nos monitores dos usuários da internet e a juventude Twitter representa sua rede social nos *microblogging*. Ao mesmo tempo, o acesso *wikipédico* constrói uma percepção de natureza, história e realidade a partir de definições produzidas coletivamente.⁵ Nesse sentido, a juventude atual compartilha a cultura midiática ou cibercultura que vai além de meras formas de comunicação cotidiana, constituindo-se numa forma de relação que otimiza a capacidade de multiplicar as potencialidades humanas (Lévy, 1999).

Num olhar mais atento, está-se discutindo em que medida o uso da tecnologia altera a subjetividade dos jovens, assumida essa subjetividade como formas concretas de perceber, sentir e situar-se no mundo a partir de experiências

3. Mundo totalmente virtual, no qual o jogador cria seus próprios personagens e tramas, enquanto outros vão se agregando e modificando o enredo criado e modificado coletivamente. Esse tipo de *game* coletivo tem diversas versões, que circulam na internet.

4. Seriado de oito minutos exibido exclusivamente pela internet, um tipo de novela *on-line*.

5. *Wikipedia* é uma enciclopédia eletrônica cujos verbetes são elaborados por autores de todo o mundo e acessados gratuitamente, com a possibilidade de ser modificados por quem os acessa, correndo o risco de desqualificar as informações.

de inter-relações sociais. É importante sublinhar que essa interação é perpassada pela alteração do espaço e do tempo, transformados em tempo e espaço reais que afetam a percepção corporal nas experiências virtuais de integração pessoal, mediada pela internet. Numa palavra: a tecnologia altera a subjetividade (Turkle, 1997).

Enquanto espaço privilegiado, a internet é o local onde os adolescentes encontram campo vasto para dar asas à imaginação, se permitem mudar de nome, altura, classe social. Nela investem num outro eu – um *alter ego* – sem preocupação ou temor, ao serem conferidas as informações fornecidas. Os internautas falam tantas verdades quanto gostariam de escutar; recriam seu mundo, fogem das suas frustrações em intermináveis horas de navegação (Turkle, 1997). Acobertados pelo anonimato, a sensação de liberdade e irresponsabilidade que o espaço eletrônico oferece repercute na noção de alteridade que se tece nos cibernautas, capacitando-os para cultivar relações com pessoas que, a rigor, não têm nenhuma responsabilidade entre si.

Vislumbra-se que, de um lado, as ferramentas disponíveis para essa interação tendem a comportamentos de dependência da internet, na qual os internautas nem percebem a silenciosa colonização da vida social que os *chats* vão produzindo. De outro lado, convertem-se em meios de bisbilhotar a vida do parceiro – por exemplo: no Orkut e nos e-mails. Mais ainda: há os internautas que, protegidos por esse anonimato que a rede oferece, deixam aflorar seus preconceitos e partem para a violência verbal.

Estar em rede, interconectados, linkados, pluggados são termos que desvelam certo contato com a linguagem modernizante, mas também sinalizam a lógica que estrutura a própria comunicação, cujo cerne é a interconexão e a interatividade em tempo contínuo. Nisso as novas gerações, como já afirmamos, estão se socializando muito bem. Basta assinalar a intimidade que elas mostram na manipulação do saber informatizado, agindo com o conhecimento de maneira inteiramente diferente das gerações anteriores.

É essa relação específica com o conhecimento e a maneira de interagir nele e entre os seus pares que faz com que se constate que há uma diferença estrutural e subjetiva nas novas gerações. É óbvio que sempre se sustentou que existem diferenças geracionais, no entanto se alerta para a importância de compreender que há uma especificidade na geração atual, de compreender o que está mudando e a maneira como está mudando, o que facilita as relações geracionais.

No seu conjunto, elementos como efemeridade, simultaneidade, novidade, realidade virtual, simulacro, ilusão, instantaneidade, interatividade lúdica, fluxos de crédito e descrédito, emotividade, autocentrimento, rapidez, vínculos fluidos, compromissos provisórios, lealdades condicionadas ao momento, compõem uma realidade substantivada que experimentam as novas gerações de modo muito diferente do de seus pais. Não obstante as juventudes sofram de maneira desigual a revolução tecnológica e participem, em graus diversos, da Sociedade da Informação, termo consagrado por Emanuel Castells (2000).⁶

Turboconsumidores herdeiros da cultura hipermoderna

Coexistem nas atuais gerações as marcas da cibercultura e da cultura de consumo, cujo denominador comum é fazer confluir o lazer e o consumo num mesmo ato. Nessa dobradinha cultural – tecnologia/consumo –, moldam-se não só as aspirações de autorrealização, mas também a construção da identidade pessoal do jovem de hoje. A essa sobreposição adicionam-se as novas sensibilidades corporais que as gerações recentes manifestam e que se consolidaram ao longo da década de 1990: a cultura do culto ao corpo, pautada pela autoafirmação através de um projeto pessoal de construção da imagem corporal.

Na cultura do culto ao corpo, *malhar* e levar uma vida saudável se confundem num discurso de consumo e, curiosamente, na *autorreprodução de si* se percebe a confluência entre consumo e religião. Em ambas há uma *transcodificação* de

6. As origens e repercussões que a tecnologia traz para as novas gerações, sobretudo na sua expressão de comunidades virtuais, foi desenvolvida por mim em outro texto (cf. Carranza, 2009 [a]).

noções religiosas para o cotidiano das *catedrais da autoestima*, como podem ser identificadas as academias e o *fitness* (Castro, 2003). A procura da felicidade se converte na busca do paraíso corporal, a falta de disciplina e a tendência à gula são identificados como pecado e com sentimento de culpa. Já o excessivo cuidado do corpo encontra sua justificativa no direito de merecer, será a geração *eu mereço*, cujas escolhas se orientam com as fórmulas de *conforto*, *sentir-se bem* e *estar a fim*, tudo pautado pela capacidade aquisitiva. Nessa constelação, a juventude será, por excelência, a faixa etária consumidora de sonhos e desejos que no futuro se concretizam, quando o dinheiro *lhe* chega às mãos.

Consoante isso, nos últimos anos a mídia tem potencializado discursos nos quais o eternamente jovem e o sempre magro estabelecem como parâmetro os ideais de beleza e de saúde, desencadeando o imperativo de que todo sacrifício vale para se manter em forma; envelhecer se converte numa maldição e doença; os padrões de beleza são os de saúde, surgindo como marca geracional a transgressão do limite do corpo humano. Será essa a outra face do pós-orgânico proposta por Sibilia (2005). Nesse contexto surge a *geração prozac*, engrossada por jovens obcecados pelo eterno “sempre estar feliz” e parecer *bem-humorados*. Será a denominada *farmacologia da vida cotidiana* que viabilizará esse manter-se sempre num alto astral, cujo custo é submeter-se à ingestão ilimitada de medicamentos (Le Breton, 2003, p. 55-64).

Em ambas as dimensões, padrão de beleza e farmacologia de si, se constata que, por um lado, as percepções sensoriais daquilo que se sente e, por outro, a expressão das emoções aparecem como aparente emanção da intimidade mais secreta do sujeito. No entanto tudo isso é mais social do que pessoal e é culturalmente fabricado. Em outras palavras: essas percepções e emoções também são relações culturalmente produzidas e historicamente possíveis de se concretizar na vida das pessoas, entretanto só acontecem de acordo com sua condição social e seu poder aquisitivo (Le Breton, 1999, p. 9).

É inegável que a discussão sobre o culto ao corpo leva a uma ideia em que cuidar de si deságua, inevitavelmente, em comportamentos compulsoriamente hedonistas, egoístas e narcisistas, portanto ao extremo nocivo da obsessão pelo corpo. A partir de uma postura crítica, é possível extrair vantagens cognitivas, psicológicas e morais do aumento de interesse pelo corpo, com consequências positivas na vida mental ligada ao desempenho do corpo, na consciência corporal e funções corpóreas. Sem dúvida, o interesse pelo corpo levou as atuais gerações a viver mais tempo e a ligar corpo com felicidade, com novos ideais de autorrealização. No dizer de Jurandir Freire Costa (2004, p. 20):

A medida ética do interesse pelo corpo, portanto, não está no montante de cuidados a ele dedicado, mas na significação que os cuidados assumem. Se o interesse pelo corpo começa e termina nele, caímos na corpolatria, forma de ascese humanamente pobre e socialmente fútil. Se, ao contrário, o interesse toma a direção centrífuga, volta-se para a ação pessoal criativa e amplia os horizontes de interação com os outros, não vejo em que isto contraria os nossos credos morais básicos.

Paralelamente a esse horizonte interpretativo, há o *império do consumo* em tempo integral que satisfaz, por meio de um mercado diversificado, a ilimitada aspiração de mais e novos prazeres. Nele as subjetividades se entretecem e emergem num indivíduo flexível nas suas escolhas, o qual, liberto das amarras de ter de se pensar como classe, encontra-se muito mais na procura de satisfações emocionais. Assiste-se à difusão de um espírito de consumo que se infiltra nas relações dos jovens, “contaminando” suas relações de trabalho, lazer, família, política e religião. Dessa subjetividade “ferida” brotam noções de felicidade desamparada, que deixa no jovem a responsabilidade de seus êxitos e fracassos, haja vista ter sido reduzido a um mero consumidor (Campbell, 2001, p. 19).

Compreende-se, então, que o mundo dos anseios, desejos e aspirações dos jovens atuais é condizente com a revolução tecnológica e a cultura de consumo, convertendo-se em

peça-chave nas engrenagens da autorrealização pessoal da juventude e na configuração das subjetividades contemporâneas. São marcas geracionais a intimidade com a tecnologia, as novas relações corporais,⁷ o culto ao corpo, as novas sensibilidades éticas e estéticas, cujos padrões são veiculados na mídia. Marcas que, em menor ou maior grau, se imbricam no dia a dia da juventude brasileira, condicionando a compreensão de sua autorrealização, enquanto projeto pessoal, mesmo que num contexto segmentado e pautado por realidades socialmente contrastantes, paradoxais e contraditórias, pois eles bebem de uma fonte em comum: a construção de um imaginário do *dever ser feliz*, acionado pelo *poder consumir*.

Nessa clivagem de construção intersubjetiva da própria subjetividade das novas gerações é que o papel da experiência religiosa entra em jogo. No contínuo movimento de busca de *autorrealização* a juventude procura o sentido que adense sua vivência do transcendente, sendo uma outra marca geracional a busca do religioso fora da religião convencional. É nessa dicotomia entre religião e religiosidade que as instituições, portadoras do sagrado, se encontram perplexas e parecem, aparentemente, não ter condições de superar o confinamento a que foram relegadas.

Distantes dos herdeiros do carisma

Percorrer o itinerário autorrealizador solicita do sujeito contemporâneo, particularmente do mais jovem, uma dinâmica de individuação e subjetivação que lhe permita articular o mundo externo e as propostas sociais com seu mundo interior, suas aspirações e anseios particulares. Requer, também, uma lógica integrativa que, segundo Giddens (2002, p. 70-103), inviabiliza-se sem o exercício de reflexividade – entendida como capacidade de distanciamento entre a experiência vivida e a realidade formulada –, que ajude na filtragem do ilimitado universo de escolhas a que o indivíduo moderno é submetido e a amortecer as inúmeras frustrações advindas da incapacidade de alcançar as suas metas.

7. Na sua versão religiosa, sobretudo no que se refere ao impacto que performances pentecostais têm na configuração subjetiva no campo carismático católico, vale a pena a leitura do capítulo “Juventude carismática e manifestações culturais” do livro de Emerson Sena Silveira (2008).

Se o direito pessoal à escolha constitui o cerne da subjetivação moderna, a possibilidade de estar no comando da própria vida é o âmago da individuação. Daí que, no percurso da configuração da própria biografia, não pode ser negligenciada a valorização do aprendizado cotidiano de atitudes humanizadoras. São essas atitudes, para Richard Sennett (2000), que se constituem num sistema de referências no qual subjazem os conteúdos de crenças e tradições depositados em sólidas instituições sociais.

Tanto a individuação quanto a subjetivação são traduzidas nas práticas de crenças religiosas que o indivíduo extravasa, consciente ou inconscientemente. Essas crenças podem ser herdadas ou construídas a partir de convicções pessoais retiradas de diversos sistemas religiosos. No seu estudo sobre as várias manifestações religiosas da Europa da década de 1990, Danièle Hervieu-Léger (2008) se utiliza das imagens *peregrinação* e *conversão* para descrever como os trajetos da experiência religiosa moderna passam por dois pontos. No primeiro ponto, pela *adesão* às instituições religiosas depositárias de sistemas de crenças, ritos e símbolos, e, no segundo ponto, pela *conversão* às propostas éticas e morais capazes de re-significar a vida dos indivíduos.

Nessa perspectiva interpretativa, a experiência se constrói como *bricolagem* religiosa, onde o indivíduo seleciona elementos de diversos sistemas, tradicionais ou não, e os sintetiza, adquirindo com isso uma autorreferência que o orienta e lhe dá sentido na vida. Ambas as realidades, adesão institucional e bricolagem subjetiva, a autora enfatiza que são faces de uma mesma moeda, pois expressam as transformações que a própria religião experimenta perante uma sociedade em contínua mutação oscilatória entre dois extremos: fundamentalismo e subjetivismo (Hervieu-Léger, 2001).

Karen Armstrong (2001) alerta para os perigos do fundamentalismo num contexto de aversão aos valores da Modernidade, deflagrando, entre outras, uma excessiva adesão institucional e um progressivo fanatismo. Ao passo que a bricolagem subjetiva coloca o indivíduo numa teia de incertezas, a partir da qual estrutura sua visão de mundo, desem-

bocando num *subjetivismo* com forte tendência ao conservadorismo social (Berger; Luckmann, 2004).⁸

Num contexto de pluralidade cultural e religiosa – compreendido como possibilidade de existência do diferente e ruptura do monopólio religioso (Berger, 2001) –, a experiência religiosa dos jovens contemporâneos se coloca em rota de colisão com as instituições religiosas, Igrejas, que outrora se adjudicaram à exclusividade de dar sentido às novas gerações. O pluralismo religioso será a nota distintiva da Modernidade, abalando o *status* de exclusividade das instituições que reclamam o direito de ser a única fonte fornecedora de certezas subjetivas que orientem a realização pessoal.

Essa é a pedra de toque que incomoda o sapato das instituições religiosas tradicionais que veem suas propostas éticas e de sentido, muitas vezes, longe das aspirações dos jovens perpassados pela cultura do *consumo espiritual*, se é que se pode denominar assim a multiplicidade de ofertas de sentido da sociedade contemporânea. Essa distância semântica – entendida como incapacidade de compreender as novas linguagens juvenis – se reflete na angústia que as instituições têm perante o esvaziamento de seu discurso vocacional e a não adesão de novos *herdeiros* a seu carisma.

Distantes das preocupações institucionais, as novas gerações mostram que são capazes de estruturar suas experiências e práticas religiosas às margens de qualquer pertença eclesial. Alguns, os *desinstitucionalizados*, dispensam os mecanismos de controle institucional, mesmo que não rejeitem o legado simbólico e ético que esses lhes possam fornecer – aliás, usufruem deles –, vivenciando uma autonomia religiosa sem vínculos (Damacena, 2004). Para outros, o processo de subjetivação pode levá-los a experimentar, em atitude de bricolagem, diversas religiões, sem que por isso se identifiquem com alguma: serão os “sem religião”, mas com muita religiosidade.

A cultura moderna parece endossar o duplo papel que a religião tem de produzir sentido, ainda que relegada à hegemonia tradicional das instituições. A Modernidade cinde a

8. Em outro trabalho desenvolvi o que podem representar tanto o fundamentalismo quanto o subjetivismo no contexto brasileiro e seu diálogo com as novas gerações (cf. Carranza, 2008).

experiência transcendente em religião e religiosidade, como duas entidades independentes, o que não deixa ilesas as portadoras do sagrado. Subsequentemente, as instituições se encontram diante de três situações: a impossibilidade de reagir ao turbilhão de demandas de sentido dos fiéis; a contestação à intermediação institucional que os crentes fazem quando reivindicam a supremacia de seu contato emocional com Deus; e a perplexidade provocada pelas infinitas ofertas disponíveis no mercado de sentidos (Carranza, 2005, p. 526).

Tudo isso mergulha as instituições religiosas em geral, e as congregações religiosas em particular, numa crise identitária sem precedentes. A centralidade institucional se esvai da vida das pessoas, dado que fazem suas escolhas à margem ou, às vezes, contra elas. Serão a sociedade de consumo e a mídia as instituições que assumirão o papel de intermediação de sentidos entre os jovens, constituindo-se em autoridade moral referente (Berger, 2004, p. 14). Inegavelmente, as instituições serão obrigadas a revisar sua condição de *reservatórios de sentido* e as linguagens de transmissão do mesmo.

Chama-se a atenção para o deslocamento das referências teóricas, onde são questionadas as velhas premissas da teoria da secularização, visto que o afastamento institucional não implicou o declínio da religião como previsto na década de 1960 (Berger, 2001). Antes, constata-se o inverso, ao se procurar mais *Deus e menos Igreja*, enveredando-se para espiritualidades holísticas, esotéricas e não institucionalizadas que proliferam em todas as cidades grandes e nas diversas sociedades (Champion, 1990). Resultado desse processo será colocar na berlinda as teses que outrora postularam: *quanto mais modernização, menos religião; a mais secularização, mais ateísmo*.

A troca de sinais produziu, de um lado, o avanço dos fundamentalismos e pentecostalismos, alastrando para si jovens de todos os segmentos sociais, e, de outro lado, acentuou-se a formulação explícita de se ter uma religiosidade sem pertencer a uma religião. Se as grandes narrativas das instituições perderam seu espaço, outras explicações e crenças

percorreram o tecido social, favorecendo entre os indivíduos um maior trânsito religioso, sem culpa. De tal sorte que isso afeta primordialmente a juventude, alvo preferencial do consumo globalizado e segmento social mais vulnerável.

Despontam, então, inúmeros questionamentos entre os estudiosos sociais e os formadores no âmbito religioso. Todos preocupados com os impactos geracionais da *Modernidade líquida* e do *hiperconsumo*. Temem-se as repercussões sociais, a curto e a longo prazo, das cada vez mais fluidas relações interpessoais sem vínculos. Receia-se por uma juventude refém de seus próprios anseios, construídos na subjetividade consumista, e por uma sensibilidade menos comprometida com a solidariedade e a justiça social (Bauman, 2003; Lipovetsky, 2007).

Perplexidade ou desafio como dilemas contemporâneos

Descortinado parte do cenário pós-orgânico e pós-humano que envolve o *espírito de época* das novas gerações, até aqui se enfatizou que uma aproximação minimamente crítica requer uma abordagem tríplice que leve em conta as dimensões geracional, transversal e compreensiva da categoria juventude, o que facilita a apreensão dos movimentos alucinados que os jovens contemporâneos experimentam.

Parte das marcas geracionais desse ciclo vital é a maneira como os jovens interagem e integram o universo tecnológico disponível em forma de cultura de consumo, transitando continuamente de usuários a produtores. Movimento que não deixa os jovens incólumes, haja vista que nessa oscilação acontece a configuração de sua subjetividade projetada na intimidade com que *surfam* pelas inúmeras formas de comunicação *on-line* proporcionada pela cibercultura.

Disponíveis a todo tipo de estímulos, as novas gerações se convertem, também, no cobiçado alvo da sociedade de consumo, que projeta sobre a imaginação e a consciência juvenil as aspirações de transformar em autorrealização os

padrões de beleza e vida saudável. A envolvente *cultura do corpo* promete uma *farmacologia do eu*, modelando social e culturalmente a imagem corporal e a satisfação emocional. Assim, o império do consumo só plenifica seus consumidores de sonhos quando esses frequentam os *shopping centers*.

Todavia, para não cair em posicionamentos maniqueístas – distantes de análises que ajudem a compreender a matéria-prima que constitui as subjetividades contemporâneas –, ressalva-se que esses aspectos negativos não abarcam, como já se afirmou acima, toda a experiência intersubjetiva dos jovens. Apesar dessa nebulosidade, o fascinante mundo virtual e corporal que integra a construção da individualização dos jovens abre frestas de criatividade e expansão da imaginação, sendo mais uma marca geracional do eu/self a ser valorizada.

No entanto o *self* terá de ser interpretado a partir das consequências que os parâmetros de bem-estar e conforto trazem para os jovens e das múltiplas escolhas a que são submetidos, quer seja no consumismo exacerbado, quer na cibercultura. Compreendem-se os sentimentos de medo e incerteza gerados nas areias movediças do imperativo de *ser feliz sempre e a todo momento* em que a juventude trafega em prol de sua autorrealização. Mesmo que se queira, os jovens não conseguem ir atrás de si mesmos, a sua capacidade de flexibilidade foi completamente banida do exercício cotidiano.

Interpelações vêm à tona para formadores e cientistas sociais: como sensibilizar para a crítica e a reflexão jovens mergulhados na instantaneidade e efemeridade da cultura digital? Como reverter a autoridade que reveste a mídia e a cultura de consumo pautando os comportamentos e as subjetividades dos jovens? Como afastar os horizontes de incerteza que assombam a busca de sentido na vida da juventude marcada por uma subjetividade ferida e desamparada? Como corrigir rotas traçadas nos trilhos da mercantilização das relações fúteis, em que tudo pode ser adquirido, basta ter o dinheiro para comprar? Como descontaminar a mentalidade centrípeta dos jovens em que só o eu/self ocupa seu

espaço e seu tempo? Como relançar-lhes uma outra mentalidade centrífuga que amplie as margens intersubjetivas de uma ética voltada para a alteridade?

Retomam-se e estendem-se à esfera religiosa as palavras de Clifford Geertz, antropólogo norte-americano que, no seu ensaio sobre o futuro das religiões, sugere que o momento de mudança radical em que se vive é uma ocasião formidável para se comprometer com a realidade social e “definir a maneira de proceder para chegar a esse ponto com eficácia, força e precisão [o que] deve ser a principal prioridade para as ciências humanas e as ciências sociais neste século impetuoso” (2006, p. 10).

Sem dúvida que a mudança de época esboçada na vivência difusa, plural, subjetiva, transitória e sem vínculos dos indivíduos modernos se estende por vastos campos religiosos e, ao que tudo indica, os jovens brasileiros não estão isentos da sua influência, muito ao contrário, participam plenamente ao espelhar as tendências da sociedade. Se, como já dissemos, uma das condições *sine qua non* para a autorrealização é o aprendizado de atitudes humanizadoras no processo de subjetivação, a pergunta retórica é: por que as instituições religiosas modernas relegaram essa função para a mídia e o mercado?

Se essa última pergunta se faz retórica, então por que não interpelar de outra maneira: que é que as instituições religiosas tradicionais estão fazendo para recuperar seu papel de outorgar sentido às ações humanas desde a dimensão transcendente? Mais ainda: como podem sair da perplexidade a que foram confinadas pelo pluralismo religioso, impulsionado pela Modernidade, e ampliar sua capacidade de interagir com a juventude por meio de outras linguagens não menos densas, eticamente falando? Como superar as atitudes reativas que tomaram conta de alguns setores dentro das próprias instituições religiosas, convertendo-os nos bastiões da ortodoxia e do zelo doutrinal, paralisando quaisquer iniciativas de diálogo com o mundo moderno, portanto com os jovens?

Nesta seção conclusiva, mais do que ceder à tentação de amarrar verdades unívocas pretensamente isentas de juízos de valor, formula-se o debate, e pergunta-se diretamente para as comunidades de Vida Consagrada.

Em face da paixão das massas por uma felicidade ancorada na cultura consumista, que fazem as instituições, especificamente as Congregações religiosas, historicamente constituídas como depositárias de um carisma capaz de impregnar o cotidiano de sentido e de propor estilos alternativos de vida? Como seus membros “contaminam”, com ações e atitudes *autorreflexivas*, os jovens que perambulam sem sentido, “empurrando-os” para além das incertezas e desesperanças sociais? Em que medida mulheres e homens, agrupados em comunidades religiosas, se erguem como *ilhas de sentido*, atraindo para si jovens dispostos a superar a sociabilidade fútil, belamente ofertada nos *shopping centers*, e empenhar suas vidas em causas justas e solidárias?

Ou será que mais do que preocupadas com seu papel profundamente religioso, isto é, transcender o cotidiano, as comunidades religiosas estão preocupadas com a autorreprodução de seus quadros? Ofuscada pela falta de *herdeiros* para seu carisma, a comunidade se dispõe a afrouxar as exigências ascéticas que singularizam o legado vocacional que oferece?

Pior ainda: permeados por uma lógica de *marketing* religioso, saem à procura de seduzir “clientes vocacionados” antes de ofertar o seu carisma, alicerçado numa mística e numa ética milenar providas de vigor suficiente para alavancar vidas plenamente autorrealizadas? O excesso de tarefas, projetos e obras eclipsou o fim último de permanecer sob um mesmo ideal?

Enfim: os membros das comunidades religiosas conquistaram a felicidade e a paz que pregam a tal ponto que são capazes de contagiar outros? Se for assim, por que desesperar diante da complexidade moderna e não acreditar que são mais uma alternativa de vida com germens de autorrealização humana, válida, legítima e necessária no meio de dilemas, impasses e, sobretudo, desafios?

Bibliografia

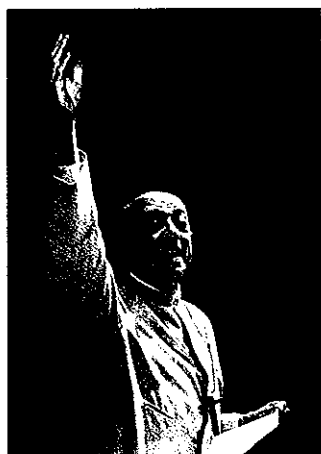
- ABRAMO, H. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. (orgs.). *Retratos da juventude brasileira; análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMOVAY, M. et al. *Gangues, galeras, chagados e rappers; juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- BAUMAN, Z. *Comunidade; a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BERGER, P. Reflections on the Sociology of Religion Today (2001). Disponível em: <http://findarticles.com/p/articles/mi_m0SOR/is_4_62/ai_82477974/?tag=content;col1>. Acesso em: 26 fev. 2002.
- _____; LUCKMANN, T. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido; a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BUCHALLA, A. P.; TEIXEIRA, J. Juventude em rede. Reportagem especial. Revista *Vêja*, São Paulo, ano 42, ed. 2100, n. 7, p. 84-93, 18 fev. 2009.
- BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CAMPBELL, C. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CAMURÇA, M.; TAVARES, F. R. “Juventudes” e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. *NUMEN, Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, Juiz de Fora v. 7, p. 11-46, jan./jul. 2004*.
- CARRANZA, B. Igreja e comunidades virtuais. In: BRIGHENTI, A.; CARRANZA, B. (orgs.). *Igreja; comunidade de comunidades*. Brasília: Edições CNBB, 2009(a).
- _____. *Movimentos do catolicismo brasileiro; cultura, mídia, instituição*. Tese de doutorado. Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.
- _____. O Brasil, um país fundamentalista? Revista *Vida Pastoral*, ano 49, n. 258, p. 11-21, jan./fev. 2008.
- _____; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. (orgs.). *Novas comunidades católicas, em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: Ideias & Letras, 2009(b).
- CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. In: *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. vv. 1-3.

- CASTRO, A. L. de. *Culto ao corpo e sociedade*; mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume, 2003.
- CHAMPION, F.; HERVIEU-LÉGER, D. *De l'émotion en religion*. Paris: Le Centurion, 1990.
- COSTA, J. Freire. *O vestígio e a aura*; corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DAMACENA, A. *Experiências religiosas*; um estudo sobre mística e autonomia nos discursos e práticas religiosas dos católicos e carismáticos. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004. 248f.
- GALLAND, O. *Sociologie da la jeunesse*. Paris: Armand Colin, 2001.
- GEERTZ, C. O futuro das religiões. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Caderno Mais, 14 maio 2006, p. C-10.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- HERVIEU-LÉGER, D. *La religion en miettes ou la question des sectes*. Paris: Calmann-Lévy, 2001.
- _____. *O peregrino e o convertido*; a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo*; antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.
- _____. *Las pasiones ordinarias*; antropología de las emociones. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1999.
- LEVI, G.; SCHMITT, J. C. *História dos jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 2 vv.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal*; ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MARGULIS, M.; URRESTI, M. *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996.
- NAJMANOVICH, D. *El juego de los vínculos*; subjetividad y redes: figuras en mutación. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2006.
- SANTOS, L. dos. *Polítizar as novas tecnologias*; o impacto. São Paulo: Editora 34, 2003.
- SENNETT, R. *A corrosão do caráter*; consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SIBILIA, P. *El hombre post-orgánico*; cuerpo, subjetividad y tecnologías digitales. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

JOSÉ COMBLIN*

Dom Helder não era religioso. Mas é difícil achar um religioso tão religioso como ele.

Muito mais do que muitos religiosos, Dom Helder vivia pobremente. Assimilou-se profundamente com os pobres e quis ser pobre como Jesus foi pobre. Deus fez-se pobre e por isso a pobreza de Dom Helder tinha raízes místicas. Viveu pobre num apartamento muito pobre anexo à



© IDH/C - Recife - PE

Igreja colonial das Fronteiras. Viveu pobre na alimentação. Almoçava na lanchonete da esquina com os pobres. Comia muito pouco. Não tinha carro, nem motorista, nem empregada. Não tinha porteiro e abria a porta ele mesmo, ainda que, de nove pessoas que vinham bater-lhe à porta, nove fossem mendigos. Acolhia a todos com a mesma simpatia, o mesmo amor. Levantava-se religiosamente todas as noites às duas da madrugada desde a sua ordenação. Ficava em oração até as quatro e dormia um pouco de novo.

Era bispo, mas vivia como servidor. Dois verbos nunca foram usados por ele: mandar e exigir. Podia sugerir, pedir, mas nunca mandava nem exigia. Nunca invocava a sua autoridade e por isso sempre manteve um governo colegial. Não precisava mandar: muitos o seguiam com fervor e ele nunca importunou os sacerdotes ou as pessoas que não o aceitavam. Nunca sentiu rancor de ninguém. Aceitava as

* Padre José

Comblin é doutor em Teologia. Natural de Bruxelas, Bélgica, está no Brasil desde 1958. Depois de passar por vários institutos de Teologia, dedica-se à formação de missionários leigos populares no Nordeste desde 1980. Presta assessorias na América Latina, assim como seminários ou conferências. **Endereço do autor:** Caixa Postal 13, CEP 58306-970, Bayeux-PB. Tel.: (83) 3232-3093. E-mail: comblin@terra.com.br.

orientações do governo colegial. Era o bispo, mas obedecia. Nunca quis impor a sua preferência pessoal. Ele abria os caminhos, mas não obrigava ninguém a segui-lo.

Era profundamente humilde, o que chamou particularmente a atenção de um grande jornalista francês, José de Broucker, que o conheceu bastante bem e escreveu um livro sobre ele. Houve momentos em que Dom Helder gozava de uma imensa popularidade fora do Brasil. Era aclamado por multidões. Mas nunca apareceu nele nenhum sinal ou algo de vaidade. Sabia se relacionar com os grandes sem nunca perder o sentimento de um pobre, sem nunca vangloriar-se da admiração que suscitava.. Manifestava a autoridade do Evangelho e nunca procurou chamar a atenção sobre a sua própria pessoa.

Era sempre de uma perfeita naturalidade. Jamais manifestava gestos convencionais, formalismos nas palavras ou nas atitudes. Era natural, simples, alegre com todos. Nunca se via que estivesse fazendo força, escondendo sentimentos. Não queria fazer o papel de bispo, não queria brincar de bispo. Não queria nunca se mostrar, mas se oferecia com naturalidade e sem vaidade às aclamações. Todas as suas palavras eram naturais e espontâneas, nada artificial. Não queria aparecer como alguém que é bispo, mas simplesmente como o irmão de todos, sobretudo dos mais simples. Jamais quis mostrar que era bispo, salvo para enfrentar os generais da ditadura militar. Queria ser ele mesmo, filho dos seus pais, feliz de ter nascido no Ceará, feliz de ser nordestino. Era ele mesmo, Dom Helder, sem títulos, sem artificios, com a simplicidade de um pobre. Era um homem totalmente livre, totalmente aberto a todos.

Tudo isso ainda não evoca a originalidade de Dom Helder. Tudo isso foi vivido numa personalidade exuberante. Dom Helder tinha tantas facetas diferentes com plena espontaneidade... Era de grandes gestos, que não eram teatrais. Falava com uma variedade de tonalidades. Era profundamente artista, sensível a todas as artes, especialmente à música. Era poeta na alma, mas também tinha o talento para escrever e expressar a sua alma poética. Era orador. Falava com calor,

convicção e eloquência. Falava com o corpo todo, mas nunca aparecia como comediante: tudo era natural, enraizado no seu ser nordestino.

Toda essa variedade de expressões era um fenômeno único: houve apenas um Dom Helder. É inimitável. Alguns procuraram imitá-lo, mas sem resultado. Era cheio de imaginação, inventando sempre histórias novas. Cheio de humor, e de criatividade. Era de uma grande imaginação.

Dom Helder recebia dezenas de visitantes a cada dia. Atendia a todos com a mesma atenção e a mesma simpatia, como se cada um fosse a única pessoa interessante do dia. A todos dava a impressão de que ele ou ela era a única pessoa importante.

Dom Helder tinha um dom de intuição extraordinário. Desde o primeiro contato sabia se a pessoa que encontrava era capaz de colaborar com ele, tinha capacidade e vontade de servir. Num instante descobria o que o seu interlocutor pensava. Por isso foi rodeado de colaboradores de grande valor. Jamais imaginou que houvesse alguém capaz de lhe dar sombra. Claro que era impossível. Mas há muitas pessoas que andam desconfiando de pessoas muito inteligentes ou muito capacitadas.



Com Dom José Lamartine, um relacionamento excepcional.

O seu relacionamento com o bispo auxiliar Dom José Lamartine foi algo excepcional. Claro que Dom Lamartine era um santo. Mas há autoridades que não sabem descobrir que têm um santo ao lado. Dom Helder entregava-lhe todo o governo da diocese. Sobre tudo conversava com ele. A qualquer problema relativo à marcha da diocese, Dom Helder dizia: "Fale com Dom José". Dom Lamartine se podia ver sempre feliz, o que não é tão comum entre os bispos auxiliares.

Tudo isso ainda seria pouca coisa. Dom Helder era ao mesmo tempo um místico excepcional. Fez de modo excepcional a unidade entre a mística e a ação, tantas vezes apresentada como o grande desafio da vida cristã.

Era um místico. Vivia toda a sua vida superativa dentro de um visão de fé: como presença do amor do Pai, como presença física de Jesus reconhecido em todos e como abertura para a inspiração do Espírito Santo. Todos os acontecimentos, todas as pessoas, todas as palavras ouvidas eram reconhecidas como Palavras de Deus. Tudo isso com a maior simplicidade, de tal modo que ninguém teria podido suspeitar. Os ateus estavam à vontade com ele, sem desconfiar que conversavam com um místico. Ou seja, muitos têm uma visão convencional e artificial de uma vida mística. Em Dom Helder tudo era tão natural porque tudo procedia da sua espontaneidade. Não queria brincar de místico.

Essa mística aparece nos milhares de poesias que escreveu e conservou. Escrevia as suas intuições místicas em forma de poesia durante as horas da noite dedicadas à oração, quando revia os acontecimentos do dia anterior, os encontros, as pessoas, tudo iluminado à luz de Jesus.

A profundidade da sua Vida Religiosa aparecia durante a missa de cada dia. Então, dava a impressão de estar no céu. Não manifestava nenhum esforço, mas era como se tivesse sido raptado por forças espirituais. Estava mergulhado no mistério. Isso manifestava com uma intensidade excepcional a fé e a devoção do povo nordestino. Dom Helder não era teólogo e não tinha nada que pudesse atrapalhar a sua devoção. Era simples na religião, como os camponeses, sobretudo como as camponesas do seu Ceará. Estava impressionado pela força da presença de Deus. Assim são os romeiros que vão a Juazeiro do Norte ou a Canindé.

A missa era realmente o momento culminante de cada dia. Assim ele o sentia e dizia. Não era fórmula piedosa, não era uma expressão convencional. Era algo real, profundamente vivido. Tinha grande devoção a Maria, sua mãe.

Sempre tinha presente o seu anjo, que tinha o nome de José. Tudo tinha a autenticidade da fé do povo dos pobres.

Dom Helder descobriu os pobres bastante tarde na vida. Foi na sua grande conversão de 1955, no final do Congresso Eucarístico, que foi o seu grande triunfo como membro do governo da Igreja. Durante cinco anos em Fortaleza e quase vinte anos no Rio de Janeiro, Dom Helder tinha servido à Igreja, ou seja, à instituição eclesial, com entusiasmo, ardor, felicidade e os mais brilhantes resultados: responsável pela educação católica, assessor nacional da Ação Católica, fundador e secretário-geral da CNBB, fundador do CELAM com dom Manuel Larraín de Talca (Chile). Uma atividade exuberante, com os mais brilhantes resultados. Mas ainda não tinha descoberto o mundo dos pobres. Vivia de maneira muito austera, pobre, mas não tinha encontrado os pobres face a face na sua realidade de pobres. Então, veio a conversão. Converteu-se aos 46 anos.

Isso suscita inevitavelmente uma pergunta: será que o serviço entusiasmado, total, incondicional à instituição Igreja Católica não lhe impedia de ver o mundo na sua realidade? Não aconteceria isso também, às vezes, com os religiosos? A instituição não esconderia o mundo para o qual tinha sido enviada?

Quando Dom Helder descobriu a pobreza nas favelas do Rio, sua vida mudou completamente. Começou a orientar toda a sua ação pastoral para os pobres do Rio de Janeiro. Quando chegou ao Recife, logo deu a entender que os pobres seriam a sua prioridade e imediatamente promoveu obras e atividades no mundo deles, como, por exemplo, o Encontro de irmãos, que foi a expressão recifense das comunidades eclesiais de base. Escolheu um modo de vida mais pobre e deixou as portas mais abertas para os verdadeiros pobres. Não se contentou com frases bonitas.

No dia em que tomou posse no Recife, abriu as portas do chamado Palácio dos Manguinhos, que era a residência oficial dos arcebispos e que ele logo abandonou, para todos os pobres da cidade. Multidões invadiram a casa, até o ponto

de um velho se sentar no trono pontifício, trono que Dom Helder naturalmente nunca usou. Era um sinal.

Dom Helder chegou ao Recife e tomou posse poucos dias depois do golpe militar. A repressão foi muito forte no Recife, cidade considerada pelos militares como o centro comunista mais perigoso do país, com a proteção do Governador Miguel Arraes. Logo Dom Helder teve de enfrentar o problema da repressão e teve de assumir a defesa das vítimas do golpe. Não fez de conta que não sabia de nada, mas assumiu a denúncia das violências cometidas pelo governo militar. Naquele momento os pobres eram também as vítimas da repressão e Dom Helder, no dia da posse, declarou que seria o bispo de todos, isto é, também dos chamados subversivos.

Quando Dom Helder se posicionou ao lado dos pobres, começaram as perseguições. Uma Igreja que se preocupa com as classes dirigentes nunca será perseguida. Quando faz opção pelos pobres, a perseguição é inevitável. De acordo com os Evangelhos, a perseguição é parte da missão dos discípulos. Jesus foi muito claro.

Na perseguição, Dom Helder sofreu muito, sobretudo quando as vítimas dessa perseguição eram colaboradores seus. Sofreu muito com o assassinato de Padre Henrique, morto aos 28 anos de idade. Sabia que era um recado para ele. Prenderam sacerdotes e leigos. Sofreu, mas não se deixou intimidar. Foi ameaçado muitas vezes, mas nada mudou-lhe o comportamento.

Por natureza, era homem de paz e de conciliação. Fundou movimentos pela paz. Mas foi atacado, denunciado, per-



Palácio dos Manguinhos,
Av. Rui Barbosa, no Recife.

seguido como homem defensor da violência política. Não ficou calado. Suportou o peso das mentiras, das falsas acusações. Sofreu tudo sem rancor, sem amargura. Era de caráter muito sensível, como verdadeiro nordestino, e não deixava de sofrer.

O maior sofrimento veio da perseguição dentro da própria Igreja. Teve de sair do Rio de Janeiro porque foi expulso pelo cardeal. Quando começou a defender a reforma agrária, foi acusado de comunista por bispos do Brasil. Quando aconteceu o golpe militar, a CNBB agradeceu oficialmente ao Exército golpista por ter libertado o Brasil do perigo comunista. Dom Helder foi afastado. Como era ativo, sempre cheio de esperança e de ilusões, resolveu abrir os olhos dos seus colegas e logrou depois de sete anos colocar na presidência Dom Aloísio Lorscheider, e com ele começou a época gloriosa da CNBB, que durou 24 anos. A CNBB foi centro da resistência à ditadura militar.

A atuação de Dom Helder foi muito importante e chamou a atenção de bispos que se sentiam mais abertos para aplicar as reformas conciliares. Também chamou muito a atenção na Conferência de Medellín e quando começaram as lutas contra a ditadura militar no Brasil. Depois do Concílio Vaticano II, começou a receber muitas visitas de personalidades eclesásticas ilustres, além de muitos convites para falar em todos os países católicos e também em não católicos. Como porta-voz da resistência à ditadura militar, foi cada vez mais convidado e homenageado fora do Brasil. Era inevitável que essa situação criasse ciúme e oposições secretas dentro do episcopado, sobretudo dentro da Cúria romana.

Da Cúria vieram pressões para proibir suas viagens ao exterior. Tais viagens foram limitadas e nem mesmo a amizade do Papa Paulo VI o salvou da raiva da Cúria. Paulo VI não mandava em Roma.

No Brasil os militares proibiram que seu nome fosse pronunciado. Muitos pensaram que tinha morrido, porque nunca se falava dele.

Finalmente, quando foi obrigado a renunciar por causa da idade, deram-lhe o sucessor que todo mundo conhece [Dom José Cardoso Sobrinho]. Sem comentários! Quem conheceu Dom Helder durante esses quinze anos sabe o que foi a velhice dele. Soube da santidade de vida que se manifesta no sofrimento.

Dom Helder nunca fez muitos comentários sobre as instituições eclesiásticas. Tinha ideias muito claras sobre as reformas indispensáveis à Igreja Católica e expressou claramente o seu pensamento a Paulo VI, sem ter muitas ilusões. Não tinha muito interesse em mostrar aos sacerdotes quais eram os seus deveres, nem aos religiosos qual era a sua missão. Não gostava de dar lições aos outros. As instituições da Vida Religiosa não tinham interesse para ele. Ele praticava os votos religiosos, mas não estava interessado em sua instituição canônica. Tinha admiradores e seguidores entre os religiosos e tinha também inimigos entre eles. Tudo isso era sem importância. Sua palavra, sua vida, seu comportamento eram uma exortação permanente para todos.

Tudo em Dom Helder era espontâneo e tudo era controlado. Nunca criticava outra pessoa sem dar a impressão de se reprimir. Tinha adquirido uma espontaneidade orientada, de tal modo que sempre se expressasse o amor e nunca um sentimento de rejeição.

Todo esse conjunto de qualidades surpreende. Por que surpreende? Esse modo de ser se encontra ainda com frequência no povo pobre do Nordeste. Acontece que não é tão comum entre os membros do clero, daí a surpresa. Surpresa que um bispo seja semelhante a um simples camponês nordestino!

Dom Helder mostrou que era possível ser humano dentro das estruturas do sistema eclesiástico. Mas é preciso cultivar muitas virtudes. Talvez seja necessário também ter tido os pais que teve Dom Helder. Os religiosos não precisam se preocupar com o que é ser religioso. Há exemplos disponíveis. Há modelos realmente vividos. Oxalá todos os religiosos tenham a oportunidade de encontrar no seu caminho algumas dessas pessoas. Dom Helder nunca se preocupou

em ser “um bom bispo”. Era “Helder” simplesmente, o “dom” para os amigos. Um religioso não precisa se preocupar em ser “um bom religioso”. Seja simples, simplesmente homem ou mulher sem pretensão, sem importância, como um simples camponês.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que é que mais admiramos no jeito de ser pastor de Dom Helder?
2. A exemplo de Dom Helder, como percebemos a ação profética da Igreja hoje?
3. Em que o testemunho do “DOM” ilumina a prática da Vida Religiosa Consagrada no Brasil e na América Latina?

Senhor, faz de mim Mulher,
inteira, consciente de suas possibilidades,
que não busca imitar nem se igualar aos homens.

Irmã, amiga, companheira,
que dá e que recebe em reciprocidade,
tal como nos criaste,

sem rivalidade nem autossuficiência.

Uma mulher simples, afável, forte, intuitiva,
compassiva e misericordiosa,
terna e apaixonada, prudente e sábia.

Uma mulher fecunda e cheia de Esperança,
capaz de gerar para o mundo sedento e vazio
novas relações , novas utopias,
uma nova civilização fundada sobre o amor,
tal como tu sonhaste.

Uma mulher enraizada na fé,
uma fé que edifica e constrói,
porque é pura, livre, sem ideologias,
alimentada pela escuta de tua Palavra,
pela atenção à vida,
pelo reconhecimento dos sinais dos tempos.

Uma mulher consagrada, conquistada, atraída,
seduzida por teu amor,
sabendo-se esposa, mãe, chamada, convocada, ungida.

Uma mulher providente,
impelida e enviada por teu Espírito
para anunciar a Boa-Nova e testemunhá-la
como sinal, símbolo e parábola do Reino.
Uma mulher discípula, uma mulher apóstola,
consumida pelo zelo de tua glória
na paz inquieta que é a tua,
até que haja sobre a terra
justiça, vida, igualdade de direitos,
pão, moradia, vestimenta, saúde, educação, lazer,
num mundo humanizado e ressuscitado.
Uma mulher Igreja, membro vivo e ativo desse corpo,
capaz de amar, de servir, de questionar,
de levantar a voz, de dar a vida
para que sua imagem permaneça sem mancha e sem rugas.
Uma mulher Maria,
Serva e Senhora, silêncio e profecia,
profundamente humana,
capaz de se tornar a morada do Verbo
para poder – nele – se transformar
em Mãe de Deus,
Mãe da humanidade,
Mãe da Igreja.

Senhor, faz de mim
Mulher religiosa para o nosso tempo!

IRMÃ ELZA RIBEIRO